Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

Arteterapia - *Relembrar é preciso... criar é continente*: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia

1ª. Edição

São Paulo

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo
Arteterapia - **Relembrar é preciso... criar é continente:** Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2009. 55p.

ISBN 978-85-63203-00-7

1. Arte-terapia

CDD 610

Autoria
Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo – AATESP
www.aatesp.com.br

Organização
Maíra Bonafé Sei

Ressalva: Os textos apresentados são de criação original dos autores, que responderão individualmente por seus conteúdos ou por eventuais impugnações de direito por parte de terceiros.

Sumário

Capítulo	Página
Programação	4
Apresentação: palavras iniciais Maíra Bonafé Sei e Sandro Leite	6
Encontro de Arteterapia Vera Maria Rossetti Ferretti	8
Raízes da Arteterapia Karen Ferri Bernardino	10
A Arteterapia Hoje: no Mundo e no Brasil Cristina Dias Allessandrini	13
Trabalho Comunitário: contribuições da Arteterapia Irene Pereira Gaeta Arcuri	23
Arteterapia e Violência Maíra Bonafé Sei	25
Arteterapia em diferentes contextos no processo de envelhecimento Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti	29
Arteterapia na Qualidade de Vida e Profilaxia Leila Nazareth	33
O Hospital: um Espaço Arteterapêutico Ana Alice Francisquetti	35
Arteterapia e Educação Dilaina Paula dos Santos	37
Artepsicoterapia Maria de Betânia Paes Norgren	38
Arteterapia e Saúde Física Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa	42
Arteterapia no Contexto da Saúde Mental Sue Steinberg	44
Produção Acadêmica em Arteterapia no Brasil Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves	47
O Ano de 2007 na Arteterapia Selma Ciornai	54

I Fórum Paulista de Arteterapia

Relembrar é preciso... criar é continente

08 de dezembro de 2007, das 08h00 às 18h00 na AACD

Realização: **AATESP**

Se navegar é preciso, relembrar é o que nos move entre um ontem e o agora, não deixando apagar-se no tempo o germe daquilo que fomos para vir a nos tornar o que hoje somos. Ademais, o futuro nos espera de braços abertos com muitos caminhos a escolher. Ao relembrar, regamos a semente outrora semeada e contribuímos para que a estação da colheita seja vindoura.

PROGRAMAÇÃO

HORÁRIO	**ATIVIDADE**
08:00 – 08:30h	**Credenciamento**
08:30 – 09:00h	**Abertura**: Sandro Leite e Heloisa Hungria **Atividade Artística**: Vera Maria Rossetti Ferretti
09:00 – 9:30h	**Homenageados**: Maria Margarida Carvalho, Radhá Abramo, Selma Ciornai. **Primeiros movimentos no Brasil**: Liomar Quinto de Andrade, Ana Alice Francisquetti, Vera Maria Rossetti Ferretti, Eloísa Fagalli Mediadores: Sandro Leite e Heloisa Hungria
9:30 – 10:30h	**Raízes da Arteterapia** Palestrante: Karen Ferri Bernardino
10:30 – 11:00h	***Coffee-break*** Fixação folhas nas Árvores
11:00 – 12:00h	**A Arteterapia Hoje: no Mundo e no Brasil** Palestrante: Cristina Dias Allessandrini
12:00h - 13:00h	**Almoço**
13:00 – 13:30h	**Apresentação Pôsteres**
13:30 – 13:40h	**Abertura**: Sandro Leite e Heloisa Hungria
13:40 – 14:10h	**TRABALHO COMUNITÁRIO: contribuições da Arteterapia** Palestrante: Irene Pereira Gaeta Arcuri **ARTETERAPIA E VIOLÊNCIA** Palestrante: Maíra Bonafé Sei
14:15 – 14:45h	**ARTETERAPIA EM DIFERENTES CONTEXTOS NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO** Palestrante: Deolinda Fabietti **QUALIDADE DE VIDA E PROFILAXIA** Palestrante: Leila Nazareth
14:50 – 15:20h	**O HOSPITAL: UM ESPAÇO ARTETERAPÊUTICO** Palestrante: Ana Alice Francisquetti **ARTETERAPIA E EDUCAÇÃO**

	Palestrante: Dilaina Paula dos Santos
15:20 – 15:50h	***Coffee-break*** **Entrega dos certificados**
15:50 – 16:20h	**PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL** Palestrante: **ARTEPSICOTERAPIA** Palestrante: Maria de Betânia Paes Norgren
16:25 – 16:55h	**SAÚDE FÍSICA** Palestrante: Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa **ARTETERAPIA NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL** Palestrante: Sue Steinberg
17:00 – 17:30h	**Produção Acadêmica em Arteterapia no Brasil** Mediador: Tatiana Fecchio Gonçalves
17:30 – 18: 00h	**Encerramento: O Ano de 2007 na Arteterapia** Mediador: Selma Ciornai

Apresentação: palavras iniciais

Maíra Bonafé Sei[1] e Sandro Leite[2]

É com prazer que divulgamos a publicação "**Arteterapia** - **Relembrar é preciso... criar é continente:** Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia", produto dos trabalhos apresentados no I Fórum Paulista de Arteterapia. Este evento aconteceu no dia 08 de Dezembro de 2007, fruto da organização da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Os interessados podem consultar sua programação, que se encontra exposta neste caderno de resumos.

O "I Fórum Paulista de Arteterapia" teve por objetivo relembrar de suas origens, daqueles que foram precursores deste campo de conhecimento que tanto tem se expandido: a Arteterapia.

Foi a partir da década de 1960 que a Arteterapia, pela primeira vez, começou a ser difundida no Brasil, especialmente pela presença da arteterapeuta estrangeira Hanna Yaxa Kwiatkowska. A partir desse período, a divulgação da Arteterapia de seu por meio de cursos de extensão e orientações em consultórios, sendo somente no início da década de 1990 que surgiu o primeiro curso de especialização.

Foram elencados três nomes representativos da Arteterapia no Estado de São Paulo para serem homenageados: Maria Margarida Carvalho, Radhá Abramo e Selma Ciornai. Todas estas profissionais estiveram presentes neste momento de lembrança, e sentimos cumprida a missão de ser preciso relembrar.

Contudo, considera-se que a Arteterapia se ampliou, ultrapassando o conhecimento dos primeiros mestres. Se elas foram as primeiras arteterapeutas e formadoras de outros profissionais do campo da Arteterapia, atualmente novos formadores se apresentam. Têm-se os descendentes do arteterapeutas iniciais, temos aqueles que trilharam seus percursos de forma individual, inovadora, temos colegas que buscaram sua formação para além dos limites do Estado de São Paulo e, também, para além das fronteiras do Brasil.

Entre eles estão: Liomar Quinto de Andrade, responsável pela primeira tese de doutorado em Arteterapia; Ana Alice Francisquetti por seu trabalho pioneiro em Arte-

[1] Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica junto ao IP-USP, docente de cursos de Especialização em Arteterapia. Membro do Conselho Diretor da AATESP. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5815968830020591. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

[2] Artista-educador, Arteterapeuta (AATESP 023/1203), Professor universitário da área de Artes, Docente em cursos de Especialização em Arteterapia no Estado de São Paulo e outros estados e Membro do Conselho Diretor da AATESP e Representante da AATESP no Conselho Diretor da UBAAT. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0243480357395951 E-mail: sandroleite@terra.com.br

reabilitação; Vera Maria Rossetti Ferretti por seu estudo sobre o corpo e Eloísa Quadros Fagalli pela aproximação entre Psicopedagogia e Arteterapia.

Entende-se que esta diversidade de formações é interessante por colaborar para uma riqueza de práticas em Arteterapia e este foi o segundo objetivo do "I Fórum Paulista de Arteterapia": ilustrar os variados campos da Arteterapia onde estão inseridos e trabalhando os arteterapeutas. Breves foram as falas de todos os palestrantes para que fosse possível uma efetiva apresentação da amplitude desta atividade em nosso território.

Por se compreender que o acesso aos conteúdos destas palestras, decidiu-se organizá-las no formato deste livro, disponibilizado a qualquer interessado pela AATESP. Conta com textos dos apresentadores, da maneira como estes foram disponibilizados para a Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo na época do evento. Gentilmente permitiram sua veiculação nesta documentação e a estruturação dos textos segue a própria organização dos eventos.

Aproveitem então desta rica leitura!

Encontro de Arteterapia

Vera Maria Rossetti Ferretti[3]

O encontro de arteterapia teve como tema “Relembrar é preciso... criar é continente” e o conselho diretor da AATESP resolveu começar os trabalhos com uma vivência, que se intitulou “A árvore da arteterapia”.

Foram responsáveis por este trabalho a artista plástica e arteterapeuta Sue Steinberg que criou e construiu a escultura “Árvore da arteterapia” e a psicóloga e arteterapeuta Vera Maria Ferretti que elaborou e foi mediadora da vivência em arteterapia com abordagem corporal.

Por que adotamos o simbolismo da arvore para designar arteterapia?

Árvore, segundo Chevalier (1988), é considerada o simbolismo da vida, evoca a perpétua evolução e a contínua ascensão ao céu. Esperamos que a arteterapia, como área de estudos e de atuação cresça com raízes profundas como o Bambu, tenha um tronco forte como o Carvalho e muitas ramificações como o Flamboyant espalhando-se por diferentes áreas de atuação.

Comparando a arteterapia aos diferentes espaços atingidos pela árvore podemos dizer que ambas alcançam os três níveis do cosmo:

O subterrâneo aprofundando as suas raízes na terra ao mesmo tempo que no mundo do inconsciente.

A superfície da terra, donde o tronco e os galhos inferiores configuram estrutura e solidez para sustentar um trabalho consistente e penetrante nos espaços que necessitam de ajuda.

Os galhos superiores que estão em contato com a luz do sol alimentando-se da energia transformadora do grande astro.

Assim podemos dizer que quando o trabalho da arteterapia é feito de forma cuidadosa e persistente pode facilitar a transformação de diferentes níveis de consciência, utilizando-se da metamorfose alquímica dos quatro elementos da natureza.

A árvore representa, na sua configuração majestosa, as crenças dos diferentes povos, a estrutura de uma cultura, como também troca e transformação com o mundo a sua volta. Este simbolismo nos inspirou a pensarmos em atividades que recordassem o movimento de galhos e folhas buscando a consciência da aerodinâmica da respiração, o contato do ar no movimento e o aprofundamento da arteterapia.

[3] Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 019/1203), Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4673019920108275

O corpo, o movimento e a criatividade são componentes importantes na trajetória do autoconhecimento e da busca dos diferentes níveis de consciência.

As pessoas foram chegando e logo perceberam que lhes era oferecido papéis coloridos.

"Ah! Que surpresa! o que eu escolho? Posso pegar vários? Que lindas cores! O que será que vai acontecer?" Foram falas das pessoas ao entrarem.

Uma música, uma respiração, automassagem. Pronto veio a calma!

"Explorar espaço com folhas de papel! O que isto? Eu nunca vivi algo assim!"

Papéis ao vento, tudo colorido, trazendo fantasia ao espaço. Sentir no corpo, escutar a mensagem da sensação produzida pelo contato das folhas coloridas.

"*Engraçado, mas as cores produzem sensações diferentes!"*

Os olhos fechados! Isto fazia com que todos concentrassem a atenção na sensação diferente que cada cor produzia. Eram tantas as sensações vividas ao lado de vários sentimentos que emergiam em cada ser.

"Como estou integrado na arteterapia? Como quero me representar? Só sei fazer isto pensando, mas não é para pensar... é só deixar acontecer..."

Agora, com os olhos fechados, as pontas dos dedos é que devem enxergar e dirigir o movimento criativo.

"A*massando, dobrando, criando imagens... que gostoso!"*

E os dedos com movimentos sutis vão imprimindo a forma, a textura no papel.

"Agora está pronto. O que será que criei? "

"Oh! Que bonito parece isto... ou aquilo..."

Descrevem movimentos no ar as formas coloridas. Como se estivessem ao vento... a criação, os braços e todo o corpo.

"O meu trabalho passou a ser a extensão do meu corpo que agora movimenta-se como uma árvore ao sabor do ar."

Os trabalhos foram colocados numa escultura com forma de árvore.

"Onde fica melhor? Que espaço escolho? Qual é o meu espaço? Parece que fica bem aqui ou ali...Pronto. Aqui estou bem."

Raízes da Arteterapia

Karen Ferri Bernardino[4]

Entende-se por Arteterapia, um saber constituído de uma metodologia própria; e não de simples junção entre Arte e outras áreas como, por exemplo, psicologia, medicina, educação, etc.

No decorrer histórico, considerando o freqüente diálogo entre a Arte com tantas outras áreas; estes contribuíram ao posterior nascimento da Arteterapia enquanto disciplina e metodologia específicas, dotada de um saber próprio.

Contudo ao afirmá-la, enquanto tal atualmente não podemos pensar somente em seu diálogo com a Arte, mas também com estas outras e diversas áreas de saber específico, tomando-as enquanto interfaces.

Proponho nesta apresentação uma analogia entre o nascimento de um ser humano e o nascimento da Arteterapia. Se descendemos de uma geração, temos uma origem histórica, uma carga genética hereditária desta geração passada, mas não somos apenas o resultado e constituídos a partir destes antepassados, ou seja não podemos descartar nossa individualidade, somos únicos, da mesma forma a Arteterapia.

Considerá-la apenas como junção ou mesmo resultado destes diálogos, considero um grande equívoco.

Com o intuito de fomentar possíveis reflexões, trago nesta apresentação, uma demonstração histórica não cronológica, resultada de uma pesquisa sobre muitos personagens que da mesma forma que Nise da Silveira, teceram num decorrer de séculos atrás, alianças que constatava o potencial da arte em espaços terapêuticos ou de desenvolvimento humano, questiono então uma freqüente afirmação no meio arteterapêutico brasileiro, por que apenas esta psiquiatra é considerada como “mãe da arteterapia” no Brasil, além de questionar o que se supõe então sobre Arteterapia, uma vez afirmado que esta não é apenas a inserção da arte em meio terapêutico e de desenvolvimento humano. Onde estão as barreiras ou entrelaçamentos entre a Arte e suas interfaces?

Segue então aqui, um resumo destes personagens que contribuíram imensamente com suas pesquisas e publicações ao posterior desenvolvimento da Arteterapia e o questionamento se Nise é arteterapeuta, seriam todos estes também?

[4] Artista plástica, Arte Educadora, Arteterapeuta e Mestre em Arteterapia pela Universidade HfBK- Dresden/ Alemanha. Arteterapeuta em contexto clínico/saúde mental. Coordenadora e docente de cursos de especialização em Arteterapia. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5545650331160329

Nise da Silveira 1906-1999

- Em **1946** - Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação/Hospital Psiquiátrico. Pedro II - RJ
- Mitologia, Psicologia analítica e Arte
- Carl Gustav Jung
- Museu das Imagens do Inconsciente
- Publica livros

Osório César 1896 – 1980

- Em **1925** - "A arte primitiva dos alienados".
- Em **1929** – "A Expressão Artística nos Alienados: Contribuição ao Estudo dos Symbolos na Arte".
- Em **1949** - Escola Livre de Artes Plásticas/Hospital Psiquiátrico do Juquery - SP
- Psicanálise e Arte
- Sigmund Freud
- 1985 - Maria Heloisa Ferraz – Museu Osório Cesar

Hans Prinzhorn 1886-1933

- Em **1919** - produções artísticas dos internos datadas de 1885 a 1925
- *Coleção- Sammlung Prinzhorn*
- Publica *Die Bildnerei des Geisteskranken* em 1922

Walter Morgenthaler 1882-1965

- Em **1921** publica *Ein Geisteskranker als Künstler*
- Repercutia em S. Freud e H. Prinzhorn
- Coleção – *Sammlung Morgenthaler*

Leo Navratil 1921 – 2006

- Parceria de pesquisas com Jean Dubuffet
- Art/Brut Center Gugging, Museu e Atelier
- Publica o livro "Esquizofrenia e Arte"

Cesare Lombroso 1835 – 1909

- Em **1888** publica "Gênio e Loucura"

Entre outros:

- **M. Simon** (1867–1947), **Benjamin Rush** (1745-1813), **Johann Christian Reil** (1759-1813), **Enrico Morselli, Julio Dantas, Rigues de Fursac, Benjamin Pailhas, Henry Ey, Jean Vinchon, Ernst Kris, Kretschemer, Fritz Mohr, Françoise Dolto...**

Alianças entre a Arte e as seguintes áreas:

Filosofia, Psicologia da arte (Kreitler &Kreitler), Pedagogia Curativa (Deinhardt & Georgens), Psiquiatria, Ergoterapia, Terapia do Trabalho, e Terapia Ocupacional, Psicanálise (S. Freud) Psicologia Analítica (C. G. Jung) , Educação e Pedagogia (Johann Friedrich Herbart , Johann Heinrich Pestalozzi , Johann C. Friedrich von Schiller, Friedrich Fröbel, Friedrich Niethammer), Arte e educação (Jean Piaget, Lev Vygotsky, Maria Montessori , Jonh Dewey , Franz Cizek, Viktor Lowenfeld , Florence Cane)

Considero pertinente, a partir da elucidação sobre as raízes da Arteterapia e os questionamentos aqui trazidos, adentramos nos conceitos e fundamentos da Arteterapia.

ARTETERAPIA no MUNDO e no BRASIL

Cristina Dias Allessandrini[5]

A arteterapia tem encontrado um lugar diferenciado no espectro das possibilidades de formação e qualificação profissional de maneiras distintas em diferentes países, tanto nas Américas como na Europa. No Brasil, em 2006 foi fundada a União Brasileira das Associações de Arteterapia - UBAAT, órgão representativo das Associações de Arteterapia estaduais ou regionais de nosso país.

Diante deste panorama, a proposta é refletir sobre a Arteterapia: área de conhecimento que trabalha uma direção que busca o sentido em experiências criadoras vivenciadas em atelier arteterapêutico, a partir de pressupostos teóricos embasados em estudos sobre o desenvolvimento humano dentro de diferentes abordagens psicológicas, relacionando-os aos sintomas apresentados pelas pessoas em processo arteterapêutico. Ressaltamos o fato de os materiais expressivos e artísticos poderem ser elencados como possíveis mediadores de propostas de intervenção, rumo ao autoconhecimento e à qualidade de vida nas relações que a pessoa estabelece em seu cotidiano.

Sob nosso ponto de vista, Arteterapia é uma disciplina científica que também pode ser compreendida de forma mais ampla, pois sua área de atuação é bastante abrangente.

Neste contexto, são valorizadas as expressões de conteúdos pessoais por meio de recursos expressivos e artísticos. De certa forma, há dois aspectos fundamentais sempre: o criativo em ação e o uso de recursos artísticos para que a expressão do criativo possa se explicitar dentro de um espaço preparado para a elaboração psíquica de conteúdos pessoais. Ou seja, relacionamos dinamismos psíquicos básicos com conteúdos simbólicos presentes nos trabalhos realizados.

A UBAAT, no Brasil, foi fundada a partir da união de arteterapeutas em prol da construção desta profissão em nosso país. Entretanto, nos é relevante perceber o que temos encontrado em termos de Arteterapia no mundo e no Brasil. Em Congressos e Simpósios temos tido oportunidade de troca com profissionais arteterapeutas provenientes de diferentes países, observamos modos e procedimentos, assim como conhecemos o escopo teórico próprio tanto na formação como na atuação

[5] Psicóloga, Arte Educadora, Arteterapeuta e Psicopedagoga há 22 anos. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. Escritora. Coordena o Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* Especialização em Arteterapia do Alquimy Art, SP, em parceria com a Universidade Potiguar - UnP, RN e com a FIZO – Faculdades Integração Zona Oeste. Pesquisadora da UnP e do LaPp – IPUSP. Membro da Diretoria da AATESP/SP e sua representante no Conselho Diretor da UBAAT. Contato: allessandrini@uol.com.br

arteterapêutica. Diante da realidade que tem se configurado, há semelhanças e diferenças que nos instigam a compreender o pensamento da práxis arteterapêutica, assim como dúvidas e questionamentos que nos levam a refletir articulando com os conhecimentos que trazemos em nossa 'bagagem profissional'.

Nossa intenção aqui é de apresentar uma síntese destas observações, a partir da compreensão que construímos no périplo vivido nestes dezoito anos de trânsito em encontros científicos internacionais.

Apresentamos aspectos observados, entretanto, não pretendemos esgotar este tema que pode ser fruto de pesquisa futura, pois as nuances e caminhos que se apresentam são distintos, mas também indissociáveis. Apresentamos um grande panorama de onde a Arteterapia demarcou seu espaço, base para nossa discussão. Em relação à Europa, faremos um detalhamento maior. O mapa mundi (Ilustração 1) expande nosso olhar para as quatro direções em que arteterapeutas atuam.

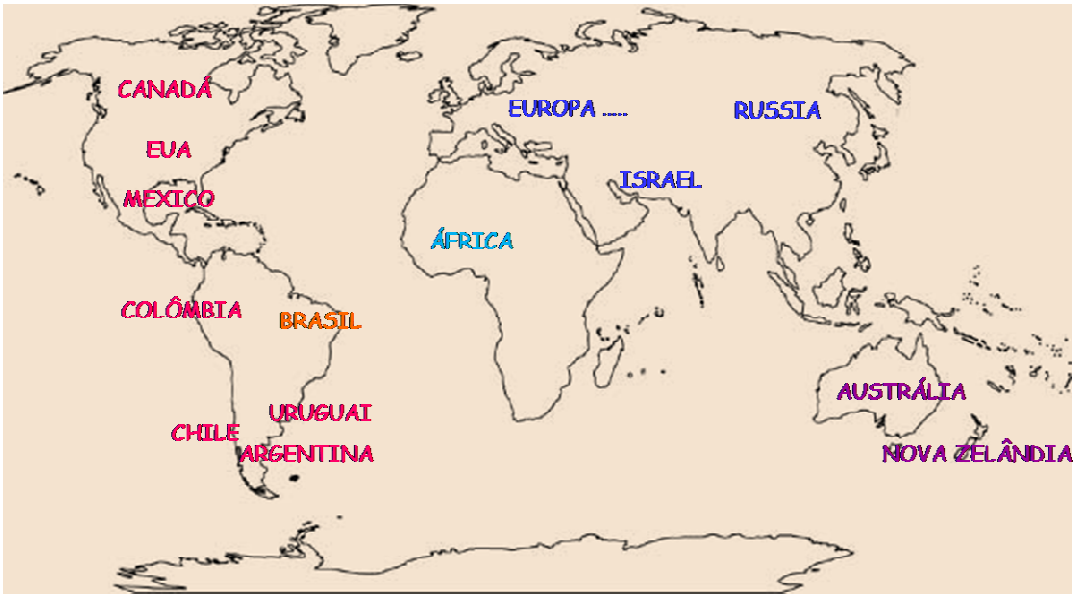

Ilustração 1- Mapa Mundi: abrangência da presença da Arteterapia.

Nos Estados Unidos, existe uma força muito grande no trabalho em Arteterapia. A AATA – American Art Therapy Assotiation foi fundada em 1969 e realiza um trabalho bem articulado. Todos os anos há um Congresso, com a localização prevista com três anos de antecedência, ou seja, já se sabe aonde ocorrerão os próximos três congressos da AATA. As associações estaduais lutam, e muito, como órgãos que defendem uma classe que trabalha. Em alguns estados, as pessoas recebem reembolso do plano de saúde quando é feita uma consulta de Arteterapia em um hospital.

Em outros estados, arteterapeutas trabalham contratados pela rede pública municipal em escolas, de modo a atender ao público infanto-juvenil no decorrer das problemáticas de aprendizagem e comportamento que apresentam. O programa é estruturado e prevê uma constante renovação e reflexão, com treinamentos específicos quando há necessidade. No ano de 2001 desenvolvi um treinamento em Miami Dade para arteterapeutas locados em escolas da rede pública, cuja demanda foi compreender instrumentos diagnósticos e de intervenção, relacionados às problemáticas de seus pacientes.

O reconhecimento como profissão é uma conquista que podemos almejar. Há normas estruturadas para a formação de arteterapeutas em programas de Mestrado e, mais recentemente, em programas de Doutorado. Nos Estados Unidos, as universidades se reportam à AATA em busca de reconhecimento de seus cursos pela Associação que credencia estudantes e profissionais arteterapeutas. Em alguns estados americanos, a profissão é reconhecida legalmente, em outros, está em processo.

No Canadá é possível encontrar uma qualidade de estudo da Arteterapia bastante diferenciada. A visão canadense, que é anglo-francesa, aproxima-se da americana na medida em que se preocupa com a pesquisa quantitativa, ou seja, em tornar ciência aquilo que se faz, buscar base teórica, fundamentação, estrutura. Sendo assim, ao constituírem o embasamento teórico e as raízes da Arteterapia, autores norte-americanos e canadenses mostram-se bem produtivos.

Na Europa há um grupo constituído por 33 instituições que formam arteterapeutas, oriundos de 14 países europeus, chamado ECArTE - The European Consortium for Arts Therapies Education, fundado em 1991. O grupo promove encontros bienais, com participantes dos cinco continentes, caracterizando um momento importante para a comunidade de arteterapeutas. Tenho tido o privilégio de ser a Representante Regional do ECArTE no Brasil, há vários anos.

Ilustração 2 – Países participantes dos Congressos do ECArTE.

Houve um encontro no MERCOSUL que contou com a presença do Chile, Argentina e Uruguai, com contribuições importantes quanto à forma de compreender a Arteterapia ou a inserção da arte dentro de um contexto terapêutico que pode estar ligado à Medicina ou à Psicologia, mostrando linhas teóricas psicanalítica, gestáltica, estruturalista, desenvolvimentista e cognitiva. A Argentina, por exemplo, passou a impressão de ser um país que ressalta o olhar psicanalítico no trabalho arteterapêutico. Uma representante chilena trouxe a gestalt associada à Winnicott. O grupo do Uruguai também abordou a Arteterapia sob o enfoque da psicanálise.

No Congresso da AATA em New Orleans, EUA, 2006, houve a participação de um grupo de arteterapeutas que esteve na África para desenvolver trabalhos pontuais em comunidades que estão necessitando de algum tipo de trabalho, com o objetivo de melhoria em sua qualidade de vida. O contato direto com arteterapeutas africanos se deu em um congresso na Croácia, onde apresentaram um trabalho que realizam em Serra Leoa.

Nos congressos há sempre participantes do mundo inteiro, como os de Israel, que estavam tanto nos Estados Unidos como no ECArTE. Há pessoas muito fiéis e dedicadas à construção da Arteterapia: escrevem, publicam, pesquisam, trabalham num aprimoramento de um trabalho arteterapêutico. Nesse sentido, vale à pena buscar

também no exterior aquilo que é o nosso espaço, a nossa forma brasileira de compreender a Arteterapia.

No exterior, foi possível encontrar cursos de graduação de arteterapeutas em países como Holanda, Noruega e Finlândia. As questões levantadas nesses cursos de graduação dizem respeito à jovialidade dos estudantes. Muitos iniciam a faculdade com 18 anos e os educadores questionam a possibilidade de trazer de modo consistente - com a devida extensão - o pensamento arteterapêutico, considerando que precisam da compreensão de Psicologia e da Arte, além de uma atitude clínica. Por isso, os cursos são extensos e possuem o mesmo nível de exigência, de tempo de estudo e de estágio que os nossos cursos de Psicologia.

No congresso da Croácia foi possível ver um grupo de estudantes holandeses que apresentaram um trabalho de pesquisa em diagnóstico arteterapêutico. Essa pesquisa descrevia um procedimento científico feito com um grupo pequeno de pessoas, dentro da formação, no qual se observava a assistência cuidadosa dos professores.

Encontrou-se também cursos que correspondem à Especialização. Em depoimento, uma arteterapeuta da Áustria relatou que a especialização é feita em uma clínica, sem a solidificação que existe na Alemanha, por exemplo, onde o trabalho é mais estruturado, e traz um diferencial de maior consistência. Aparentemente, os grupos austríacos ainda encontram dificuldades em obter o reconhecimento.

Já na Suíça há um médico que oferece um curso que, apesar de não ser vinculado a nenhuma Universidade, por trabalhar diretamente com a formação de arteterapeutas, obtém um reconhecimento de curso de Especialização, mesmo que não vinculado a normas acadêmicas. Entretanto, vale ressaltar que é um curso denso, com uma ótima base e com muito conteúdo. Há uma grande preocupação com esse lado, embora não se mostrem focados na questão do reconhecimento profissional – como aqui, no Brasil, no sentido de alavancar a Arteterapia enquanto profissão dentro de um caminho de construção profissional.

Algumas pessoas da Argentina gostariam de poder ter um curso mais estruturado e perguntaram a respeito do que é feito no Brasil. Aqui, há diferentes maneiras e diferentes grupos, sendo uma delas a parceria entre um grupo de arteterapeutas com uma Universidade. O curso que, no Brasil, segue o modelo da Universidade, é regido pelas normas do MEC – Ministério da Educação e Cultura - que regulamenta os cursos de Pós-Graduação *lato sensu*. Há, também, cursos denominados como de Especialização, mas não são reconhecidos pelo MEC como Pós-Graduação *lato sensu*.

Nos Estados Unidos encontram-se muitos mestrados em Arteterapia por todas as Universidades – e só se consolidam nas Universidades. Na Europa, destaca-se a Inglaterra, que possui um trabalho bastante denso em Arteterapia ligado a Medicina, Psicologia e Educação.

Apesar de sempre ter-se falado em Mestrados em Arteterapia, começou-se a falar também em Doutorados na área. No congresso da AATA – American Art Therapy Association – foram apresentadas algumas Universidades que estão lançando o Doutorado em Arteterapia e, também, a possibilidade de um Pós-Doutorado.

No início, os norte-americanos tinham um olhar mais preocupado com a visão quantitativa. Entretanto, no último congresso, realizado em New Orleans, local onde passou o furacão Katrina, o que mais se falou foi da importância do trabalho do arteterapeuta no resgate humano das pessoas que sofreram o evento, inclusive no sentido de auxiliar os demais arteterapeutas e profissionais da área da saúde que não estavam 'dando conta' do que estava acontecendo. Pela primeira vez, foi possível sentir uma emoção e humanização do trabalho do arteterapeuta nos Estados Unidos. Normalmente, o olhar para o processo era um olhar exterior e, desta vez, eles estavam dentro, requerendo ajuda de outros que pudessem acolhê-los também. Foi algo inesperado e, ao mesmo tempo, desejado, muito semelhante ao que existe na Europa.

A Europa sempre passou uma sensação de que há uma relação humana, mais humanista, do trabalho em Arteterapia. Lá, a forma de se compreender a Arteterapia parte de um outro pressuposto: fala-se em artes terapias. Elas podem ser variadas e, dentro dessa variação, podem ser específicas. Há a Arteterapia voltada para o trabalho plástico, expressivo; há a Arteterapia voltada para a Dramaterapia, que representa um trabalho de corpo, de movimento, do teatro; a Musicoterapia, onde a música é o elemento mais forte; e a Dançaterapia, onde o trabalho com o corpo e movimento tem um papel fundamental sem excluir as demais formas de artes, mas dimensionando-as resultando em um trabalho interessantíssimo.

Um grupo da Islândia, representante "dos 12 arteterapeutas do país" (sic.), esteve presente no congresso de Creta, Grécia, para apresentar o seu trabalho. Há grupos pequenos que, quando se constituem, demonstram força e vontade de fazer acontecer.

Houve depoimentos muito tocantes de grupos da Grã-Bretanha que apresentaram o seu próprio trabalho como arteterapeutas, com imagens da arte que eles próprios produzem. Esta é uma realidade: o arteterapeuta, tanto nos Estados Unidos como na Europa, precisa

Fazer Arte. Faz parte da sua formação contínua manter-se em contato com este estar fazendo arte.

A Inglaterra mostra-se um país de ponta, por ter sido o primeiro país a ter a profissão de arteterapeuta reconhecida em 1996. Em um congresso da ECArTE, no qual apresentou-se uma pesquisa brasileira feita em parceria entre a Casa do Psicólogo e o Instituto Sedes Sapientiae, foi possível assistir a longa trajetória percorrida para o reconhecimento da Arteterapia como profissão. Foi necessário passar por uma série de pessoas, conversar com políticos e afins para que o objetivo fosse atingido. Lembro-me da emoção que o relato evocou na platéia, como um espaço sentido e vivido para ser partilhado por muitos!

Na França, há doutorado em Arteterapia, conquista recente que tem fortalecido a profissão. A Holanda também se apresenta como um país forte na área. Os países do Leste Europeu têm crescido muito e a sua participação nos congressos é cada vez mais constante. Recentemente houve um congresso em Tallin, Estônia, por exemplo.

Na Croácia, foi possível ver num trabalho com pacientes com câncer, por exemplo, a Arteterapia atuando como uma terapia coadjuvante ao trabalho médico e realizado dentro do tratamento proposto. O médico oncologista responsável cantava, tocava música e, em outro momento, realizava a cirurgia. Ele próprio participava das sessões de trabalho de corpo e de trabalho de arte que as pessoas realizavam. Observa-se também que a Arteterapia é recurso largamente utilizado com mulheres mastectomizadas neste país.

Através dessas “pinceladas”, passagens por alguns países, é possível ter uma compreensão da forma, e a atitude que se tem diante do que é a profissão de Arteterapeuta pelo mundo. As raízes estão criadas, mas agora estão germinando e crescendo. A busca agora é por uma estrutura.

As áreas de atuação são em Educação, Psicologia e Saúde, onde se ressalta a Medicina, trabalho que emerge como tratamento coadjuvante em doenças psicossomáticas, casos psiquiátricos, etc. Os trabalhos abrangem principalmente tratamento em artepsicoterapia, prevenção e reabilitação, tratamento pós-traumático e psiquiatria.

Em Psicologia, há as diferentes áreas e, na Educação, a formal, informal, especial e psicopedagogia. Observa-se um foco no trabalho social, como, por exemplo, o trabalho com refugiados, dentro da Psicologia Social.

A ênfase dada no decorrer dos cursos é a de desenvolver um diagnóstico arteterapêutico. Muitas vezes se fala em fazer ou não fazer, caracterizando uma discussão presente no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa, sendo que alguns grupos já têm isso mais bem demarcado, outros menos. Enfatiza-se também a pesquisa quantitativa e qualitativa, bem como o desenvolvimento humano e social do indivíduo.

Enfim, há uma demanda brasileira e mundial, na qual se valoriza a ação criativa na busca de pequenas respostas para as questões que a vida apresenta. É desta maneira simples que a Arteterapia está presente.

Ao final, algumas perguntas foram feitas pelos participantes do Fórum:

Pergunta: Você considera o trabalho do Patch Adams um trabalho arteterapêutico?

Cristina Dias Allessandrini: É uma pergunta difícil, pois sou suspeita para falar. Por duas vezes, participei do Congresso de Medicina e Arte, em Salvador. Algo que é muito enfatizado pelos médicos, como Paulo Barreto Campelo, de Recife, é a necessidade de criar a profissão de Arteterapia, de modo que esteja presente dentro do Código Brasileiro de Ocupação. Assim, pessoas que possam contar histórias ou desenvolver um trabalho semelhante ao do Patch Adams podem se contratadas. Por mais que atuem desta forma, não se abre um concurso para isso, pelo fato de não haver a profissão criada. Por isso, a necessidade de se construir a profissão torna-se eminente. Os médicos exercem uma grande influência e, pelo fato de encaminharem pacientes, têm dado muito apoio à constituição da profissão do Arteterapeuta. Sendo assim, a resposta é que o trabalho do Patch Adams é arteterapêutico na medida em que promove qualidade de vida, que traz alegria às crianças, que recomeçam a sorrir, e permite que as pessoas descubram dentro de si uma qualidade que talvez não tivessem.

Pergunta: Como é a sigla do grupo na Europa?

Cristina Dias Allessandrini: ECArTE – European Consortium for Art Therapy Education. É um grupo de Instituições formadoras de arteterapeutas em que o criativo é sempre a 'bola mestra' nos cursos, em sua diferentes formatações. O objetivo é formar profissionais que possam atuar de modo a promover algo que pode tornar a vida diferente, mais amorosa e criadora.

Pergunta: Como está o reconhecimento da Arteterapia na Europa?

Cristina Dias Allessandrini*:* Tem alguns países que estão trabalhando mais nisso, alguns têm a profissão efetivada. Por exemplo, na Itália, há boas notícias de inserção profissional, mas não tenho conhecimento se existe algo definido... Existem movimentos de inserção na Espanha, entretanto não tenho a informação do quanto está consolidado. Já na França e na Inglaterra, a profissão está efetivada. Há que se buscar mais informações. Na Islândia, o arteterapeuta trabalha em escola pública, contratado pelo governo, assim como no Canadá.

***Pergunta*:** Você falou que nos Estados Unidos os seguros de saúde...

***Cristina Dias Allessandrini*:** Nos Estados Unidos há notícias de que os seguros reembolsam, em alguns estados, não em todos. Em New Orleans, havia algo interessante acontecendo: o debate deste tema em muitas mesas, inclusive com a presença de um grupo de advogados, contratado pela AATA, disponível no sentido de esclarecer, dar respostas de como é que os processos devem ser encaminhados, de como agir, de como atuar, de como se colocar...

Porque, nos EUA os procedimentos são diferentes. Por exemplo, tenho o reconhecimento como Profissional em Arteterapia dado pela AATA. Para obtê-lo, após o Mestrado e o preenchimento de uma *aplication form*, trabalho árduo em que recolhi tudo que havia realizado na área, inclusive com cartas de Recomendação e horas de atendimento e supervisão comprovadas, recebi o reconhecimento. Surge a pergunta: o que esse reconhecimento me dá, nos EUA? O direito de abrir um consultório. Um dos pré-requisitos pra eu trilhar dentro desse longo percurso foi ter o *Master*, o Mestrado.

Agora, na Europa, as pessoas estão trabalhando. Por exemplo, na Holanda: há dois grupos muitos fortes. Fazem pesquisa, têm a graduação e, portanto, uma base para obter o reconhecimento, que ainda não ocorreu. Na Noruega e Finlândia há o curso, mas não ouvi falar em reconhecimento. O que sinto é que estão construindo o caminho. Talvez no próximo ECArTE já tenhamos respostas mais explícitas.

Sinto que é um mundo que está globalizado, construindo algo e que, de repente, percebeu que para dar conta desse mundo globalizado, onde acontecem coisas do outro lado do mundo e ficamos sabendo aqui, imediatamente, ou as pessoas desenvolvem uma expansão da consciência, ou não resta muito outra opção. Ou se aprende a ser criativo com as opções que vida traz, ou se coloca dois pontos: ‘eu não sei o que pode acontecer.’

A vida mudou, está muito ágil, precisamos dar conta disso, de uma vida pessoal, de uma vida profissional, dos filhos que crescem, da profissão que exige, das contas a pagar... E como dar conta de tudo isso, dos problemas que a vida traz?

Portanto, a necessidade de manter vivo o espaço interno criativo representa importante aspecto a estar mais presente no cotidiano das pessoas, em vistas a uma melhor qualidade de vida e de adaptação às constantes demandas do século XXI.

Websites de Referência:

AATA: www.americanarttherapyassociation.org

ECArTE: www.ecarte.info

UBAAT: www.ubaat.org

Trabalho Comunitário: contribuições da Arteterapia

Irene Pereira Gaeta Arcuri[6]

> Estou sempre entre duas correntes de pensamento: primeiro, as dificuldades materiais, que me obrigam a andar de um lado para outro para ganhar a vida; segundo, o estudo da cor. Vivo sempre com a esperança de fazer uma descoberta nesse campo, expressar sentimentos de dois amantes pelo casamento de duas cores complementares, sua combinação e sua oposição, as misteriosas vibrações de tons análogos. Expressar o pensamento que está por trás de um semblante através da radiância de um tom brilhante contra um fundo sombrio. Expressar a esperança através de uma estrela, o anseio de uma alma através do fulgor de um poente.
>
> Vicent Van Gogh

Em 2003 conclui meu mestrado com a pesquisa realizada com mulheres judias, que estiveram em campos de concentração ou que foram expatriadas. Minha orientadora encantada com o trabalho de arteterapia indagou: Irene, suas pesquisadas são pessoas cultas, ouvem Vivaldi, apreciam Degas, como seria seu trabalho com a população carente de nosso país?

Como nada acontece por acaso, nesta mesma ocasião Cristina Allessandrini, do Alquimy Art me convida para dar supervisão e orientação de monografia para os alunos do curso de Pós-Graduação em Arteterapia.

Desta forma, pude atuar no trabalho comunitário, e expandir os conhecimentos desenvolvidos através da minha pesquisa de mestrado.

O acompanhamento do estágio era feito em grupo, semanalmente em São Paulo e um final de semana em e intensivo por mês nos demais estados. Os alunos apresentam seus trabalhos em formato de seminários clínicos, expondo assim, as dificuldades, vivências e as soluções encontradas.

Os estágios eram realizados em organizações sem fins lucrativos, trabalho comunitário de responsabilidade social, possibilitadoras de uma cultura de Paz.

O trabalho abrangia diversas instituições entre elas: SABER, Serviço de Atendimento Básico em Reabilitação, Instituto Emílio Ribas (Hospital Dia – Crianças HIV), Instituição – Casa Sofia (Mulheres Violentadas), CAFIS – Centro de Apoio Familiar de Ilha Solteira, Projeto Sentir e Criar – Pacto – Terapia Ocupacional da USP, Casa do Adolescente (Anexo Centro de Saúde Pinheiros), Clube da Terceira Idade do Jardim Monte Kemel, Paróquia Nossa Senhora de Lurdes (Meninos de Rua), Creche do Padre

[6] Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 043/0504), Mestre em Gerontologia pela PUCSP e Doutora em Psicologia Clínica pela PUCSP. Docente de cursos de Especialização em Arteterapia. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9542770601220476

Gregório, Conjunto Assistencial Nossa Sra. da Conceição Aparecida, GACC (Grupo de Apoio a Criança com Câncer), ONG Leila Diniz.

O acompanhamento permitiu vitórias alcançadas pelos alunos e benefícios gerados aos indivíduos que receberam o atendimento arteterapêutico gratuitamente através do programa de estágios. Essas pessoas passaram por um processo de autoconhecimento e crescimento pessoal. E após a reintegração psicofísica e a superação de traumas e complexos tornam-se mais confiantes e passaram a se perceber e serem percebidos como parte integrante da sociedade.

Arteterapia e Violência

Maíra Bonafé Sei[7]

"em seus efeitos, a arte e a violência são diretamente opostas"
(May, 1992, p. 209)

A arteterapia configura-se como uma estratégia terapêutica que prima pelo uso de diferentes modalidades de expressão, advindas principalmente do campo das Artes Visuais, de maneira a facilitar a comunicação dos indivíduos que dela participam. Argumenta-se que, através da linguagem artística, tem-se um acesso mais fácil a conteúdos intensos, de sofrimento, angústia, difíceis de serem verbalizados. Além disso, acredita-se que a Arte e o estímulo à criatividade podem despertar recursos adormecidos, gerando um aproveitamento maior de potenciais estagnados e, assim, saúde.

Quanto à violência, esta se mostra como um fenômeno crescente em nossa sociedade, que se manifesta nos mais diversos contextos, tais como no seio familiar, através da violência urbana e, na realidade passada brasileira, por meio da violência do Estado, reprimindo a livre expressão de idéias, opiniões, com uma sociedade marcada pela censura e opressão.

Tais estados mostram-se opostos a um estado saudável, gerando conseqüências diversas para os membros envolvidos nestas situações de violência. Intervenções terapêuticas são necessárias para diminuição de agravos causados pela violência e podem ser realizadas com os diversos envolvidos.

A arteterapia, por suas características, configura-se como um meio de simbolizar vivências de dor, de intenso sofrimento, sem a necessidade da linguagem verbal para sua compreensão e expressão. Assim, defende-se que o uso dos recursos da arteterapia se mostra como uma importante estratégia para utilização em tal contexto, com a citada população.

Apesar da importância e da potência da arteterapia no atendimento de pessoas que passaram por situações de violência, a descrição do uso desta estratégia de intervenção ainda é escassa no país. De forma geral, observa-se poucos trabalhos que ilustram situações onde a arteterapia foi aplicada.

Na literatura brasileira encontra-se com maior freqüência textos relacionados ao atendimento de casos de abuso sexual, onde o indivíduo vivenciou uma invasão em seu

[7] Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica junto ao IP-USP, docente de cursos de Especialização em Arteterapia. Membro do Conselho Diretor da AATESP. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5815968830020591. E-mail: mairabonafe@hotmail.com

corpo, experienciando dores por vezes inomináveis e com isso chamando intensamente a atenção dos profissionais responsável pelo atendimento de vítimas. Neste campo, Silva (2005) discorreu sobre um processo arteterapêutico empreendido com uma menina que sofreu abuso sexual intrafamiliar. A intervenção teve como foco a questão da representação da imagem corporal e a autora considerou que a arteterapia contribuiu para a ampliação do autoconhecimento, colaborando para uma melhora na percepção que a criança tinha de si mesma (Silva, 2005).

De forma geral, há trabalhos que discutem o uso da arteterapia com famílias no contexto da violência familiar. Riley (1998) narrou a arteterapia empreendida em casos de violência familiar e fez considerações sobre o sofrimento destas pessoas, com a relutância em expor as fraquezas. Contudo, assinalou também que algumas técnicas tem o poder de contribuir para a expressão de vivências prazerosas e desagradáveis, facilitando o tratamento destas famílias. Relatou um caso e conclui que “as expressões de arteterapia são proteções que ajudam o terapeuta a desviar ações potencialmente perigosas e comportamentos destrutivos, amenizando a dificuldade de tratar esses clientes” (Riley, 1998, p. 206).

Alguns textos expõem intervenções que agregam, quando possível, aquele que é considerado como o agressor (Sei e Corbett, 2003; Sei e Gomes, 2007). Sei e Gomes (2007) realizaram uma articulação teórica entre arteterapia e o atendimento de famílias, com apontamentos sobre os fenômenos da transmissão psíquica transgeracional e a necessidade de se intervir junto a esta população. Fizeram uma proposição de se utilizar da arteterapia para intervenção com este público, com assinalamentos sobre a aproximação entre crianças e adultos, a partir da oferta de uma linguagem familiar à criança, potencializando sua comunicação no *setting* arteterapêutico.

Outros relataram intervenções arteterapêuticas com jovens infratores, buscando-se envolvê-los no processo arteterapêutico, já que se percebe um discurso marcado pelo fato de se sentirem sem o necessário desejo de participação, como que obrigados a participar de atividades, sem contudo deixarem-nas. Há arteterapeutas que optaram por trabalhar com profissionais que têm como função o combate à violência, ou seja, os policiais militares, de maneira que a arteterapia pôde funcionar como um instrumento para alívio do estresse ao qual estão constantemente submetidos.

Cintra e Macul (2006) descreveram a intervenção arteterapêutica realizada na sala de espera da Agência Cáritas de São Paulo, junto a população inserida no Programa de Acolhida para Refugiados Políticos. A proposta teve duração de seis meses e se

apresentou como estratégia pertinente para utilização no Projeto de Atendimento em Saúde Mental para Refugiados de São Paulo.

Stoll (2003) relata uma dia de trabalho com grupo de arteterapia junto a mulheres vitimizadas na Bósnia e aponta que a arteterapia foi interessante por facilitar a comunicação quando o arteterapeuta e as pessoas que participam da intervenção não falam a mesma língua, sinalizando que "a universalidade da expressão criativa serviram como uma forma primordial de comunicação" (Stoll, 2003, p.56). As pessoas que participaram do grupo puderam comunicar suas histórias, medos, falta de esperanças, desamparo e considera que "revisitar o trauma e reexperienciar os sentimentos originais que as vítimas tanto evitaram relembrar, é necessário, para dar expressão aos sentimentos, ganhar controle sobre sua vitimização, sentirem-se fortalecidas, esperançosas, e úteis" (Stoll, 2003, p. 58)

A partir dos relatos acessados, observou-se que o trabalho no campo da violência demanda uma intervenção de caráter multidisciplinar, com profissionais das áreas: Social, Saúde, Direito. Este tipo de trabalho é usualmente realizado em instituições, onde se percebe uma necessidade de adaptação das atividades artísticas/arteterapêuticas ao ambiente disponível, já que nem sempre há um *setting* preparado para a arteterapia. Foi notado também que o foco da intervenção difere conforme a população atendida.

Apesar das experiências citadas, entende-se que ainda há poucos relatos de trabalhos em nossa realidade sobre as intersecções entre arteterapia e violência, sendo este um amplo campo de trabalho ainda a ser explorado pelos arteterapeutas.

Bibliografia:

CINTRA, M. E. R. e MACUL, P. G. S. Uma experiência de Arteterapia aplicada em na sala de espera de um Centro de Acolhimento para Refugiados. **Psicologia para América Latina**, v. 5, 2006.

MAY, R. **Minha busca da beleza**. Petrópolis: Vozes, 1992.

RILEY, S. **Arteterapia para famílias**: abordagens integrativas. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

SEI, M. B. e CORBETT, E. . SOS Ação Mulher e Família: Relato de uma experiência de atendimento a mulheres e famílias no contexto da violência doméstica. **Perfil**, v. 2, p. 51-58, 2003.

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Violência familiar, o transgeracional e a arteterapia: aproximações. **Encontro: Revista de Psicologia**, Vol. 11, N. 16, p. 133-139, 2007.

SILVA, V. C. S. A menina e o grande urso marrom: arteterapia com uma menina abusada sexualmente. Em: BLAUTH, L. e WOSIACK, R. M. R. **Terapias expressivas ou arteterapia:** vivências através da arte. Novo Haburgo: FEEVALE, 2005.

STOLL, B. Um dia de trabalho com grupo de arte terapia ajuda as mulheres vitimizadas da Bósnia-Herzegovenia a vencerem seus medos. **Imagens da transformação**, n. 10, v. 10, p. 53-63, 2003.

Arteterapia em diferentes contextos no processo de envelhecimento

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti[8]

> "Para alguns, a jornada da vida, por mais que pareça difícil, é enfrentada com elástica capacidade de recuperação ao invés de quebradiça fragilidade; são como o junco que cede à tempestade, não como os carvalhos que permanecem rígidos e se partem."
>
> (CHOPRA,1999, p. 95)

Pensar o envelhecimento é pensar a dura realidade que se fixou em nosso país. País de jovens, sim, mas agora também de muitos velhos. É importante aprender a envelhecer. O envelhecimento é uma etapa da vida que implica em adaptação social, assim como a infância e a adolescência

Pensar em envelhecimento hoje, não é só pensar em doenças, em degeneração, em decadência, mas em adequação e integração social dessa população ainda marginalizada.

Vou tentar, a partir de minha experiência, situar o trabalho de ateliê terapêutico com idosos em diferentes contextos e espaços: residência, ateliês, instituições asilares, centro de convivência. Vou apontar também algumas características dessa população.

Ao decidirmos trabalhar com o idoso, devemos nos fazer algumas perguntas:

Que pessoa é esse que vou trabalhar? Como ela chegou até mim? Foi uma escolha espontânea ou partiu da família? Se da família, como ela é em relação a esse idoso? O idoso está lúcido ou já apresenta algum traço de demência? Está asilado? Como é essa instituição? Ela está preparada para o novo?

Usei a palavra "decidir", pois acredito que em se tratando de uma população tão fragilizada, merece de nossa parte uma atenção muito especial. Além de tentarmos responder às questões acima, deveríamos responder ainda algumas outras: Você já se imaginou velho? Como você se vê? Que cuidados você está tomando para envelhecer com alegria, dignidade e saúde. Pensemos em saúde física e emocional. Você faz um acompanhamento terapêutico? Mantém uma supervisão? Você está preparado para enfrentar a morte? Você está preparado para ser o facilitador desse ritual de passagem?

Muitos pensam que trabalhar com o idoso é "gostoso" e até fácil, mas ao nos depararmos com suas dificuldades nos assustamos.

---

[8] Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Arteterapeuta. Coordenadora do curso de Especialização em Arteterapia do Centro de Pesquisa e Aprendizagem - Alquimy Art, em parceria com a UNP, Universidade Potiguar de Natal (RN) e FIZO, Faculdades Integradas da Zona Oeste, Osasco. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1118829470372302

Como arteterapeuta, devemos nos informar e nos preparar para dar a ele as melhores condições possíveis de um fazer digno e prazeroso.

Consideremos que atendemos dois tipos de pacientes: um saudável e outro doente. O ateliê terapêutico é o lugar onde facilitador e paciente percorrerão juntos o caminho da luz: aliviar a dor e aceitar a possibilidade de vida que ainda resta. Com a Arteterapia, estabelece-se um sentido novo de vida, novos propósitos e objetivos são re-inventados.

Pessoas em boas condições físicas e emocionais tendem a envelhecer com leveza e alegria. Chegam em nossos ateliês espontaneamente e com muita vontade de criar. Trabalhar projetos, convidá-las a desafios e encorajá-las a reflexões, trazem uma nova disposição. Nossa proposta é levá-los à elaboração e construção de seus desejos. O ateliê deve ser pensado como um espaço de alegria e de possibilidades de criação. Da tinta ao papelão, tudo é possível. Citando Deepak Chopra novamente, ele diz: “A capacidade de adaptação pode ser definida simplesmente como a liberdade para pensar ou agir sem condicionamentos. Permanecer aberto às mudanças, aceitar o novo e dar as boas vindas ao desconhecido, é uma escolha que envolve talentos pessoais definidos.” (1999, p. 95)

A sociedade está muito mobilizada em criar espaços que possibilitem o desenvolvimento de atividades culturais e esportivas de grande relevância para a saúde. O coletivo traz benefícios e novas concepções de envelhecimento, resgata a dignidade e autonomia, independência e conquista de uma liberdade até então condicionada ao desejo do outro. Ações de Prefeituras, Centros de Convivência e Faculdades de Terceira Idade são agentes desse novo paradigma.

Pessoas com depressão, traumatizadas, inseguras certamente envelhecem com muita dor, angústia e sofrimento. Contaminam quem está a sua volta, família, filhos, netos e amigos. Provocam distanciamento e o isolamento se estabelece. Traços de personalidade difíceis são marcas que carregam desde a mais tenra idade e os rancores, mágoas foram cultivadas. É comum pensarmos que tais características só apareceram ao envelhecer. Ledo engano e detectar tais características são fundamentais para o sucesso de nosso trabalho. Como facilitadoras, vamos sentir maior dificuldade em estabelecer um vínculo. Tudo é colocado em cheque. As questões são diretas e impiedosas, fazendo-nos sentir, em determinado momento, incompetentes. As cores são opacas, os traços fracos, a esperança..., não há. Mas um dia, ah! Como é bom! Um sorriso largo, um brilho e o reconhecimento. Olhar seu trabalho e se reconhecer, olhar sua escultura e se orgulhar, olhar seu processo e se transformar.

Parece um quadro pessimista, mas é importante salientarmos essas dificuldades. Não vou enumerar aqui as demências (são tantas), mas se atendemos o idoso em tais condições, devemos ter um duplo cuidado: primeiro, estimulá-lo a resgatar os últimos lampejos de ação. Não esmorecer, nem se entregar. Às vezes um traço, uma linha significa tanto para ele. Segundo, acolher a família, isso sim é fundamental: cansada, desestruturada, desmotivada se julga vítima de uma tragédia. Sugerir um acompanhamento terapêutico é de bom tom. Cuidador e paciente podem desenvolver atividades riquíssimas no ateliê.

Consideremos agora os locais de atendimento dessa população, sadia ou não.

Se atendemos em sua residência, podemos contar com uma série de interferências que indiretamente contaminam o trabalho. O cuidador normalmente não se afasta e fala pelo idoso, tornando a comunicação muito truncada e difícil.

Se o atendimento se dá em "asilo", há dificuldades como, por exemplo, atraso nas atividades, interrupção do trabalho, entrada e saída da sala pelos atendentes, como se nada acontecesse ali naquele momento. Os próprios profissionais não acreditam no recurso desenvolvido.

Já os centros de convivência e as faculdades de terceira idade dão muita atenção ao social, promovendo viagens, excursões, bailes. Aproveitando essa disponibilidade devemos incentivar, por exemplo, ida aos museus, discussão de filmes, enfim..., aos poucos despertamos novo olhar e novos interesses, abrindo horizontes.

A arte desvela, desnuda e nossa presença acolhedora, real, honesta e carinhosa sustentará o que de mais difícil existe na prática terapêutica: não se contaminar pelo feio. A pintura, a escultura, a colagem e tantas outras ferramentas devem ser as catalisadoras de todas as dificuldades. Nem todos estão preparados para enfrentar a finitude. Envelhecer não é simples. A solidão e a carência afetiva levam ao desespero e ao desejo da morte. Não a morte natural, mas a morte doentia e dolorosa, provocada, o suicídio.

Ao convidarmos esse idoso à atividade, acreditamos que esse processo ajudará a fortalecer e revigorar sua vida. A pintura ou a escultura revelam no início a apatia, e aos poucos vão evoluindo e se afirmando como um desejo infinito de viver. Os resultados surpreendem pacientes e terapeuta. Descobrem seu potencial criativo, força e coragem de viver o novo. Afastam-se da sensação de impotência e fraqueza.

O idoso se reconcilia com a vida. Hoje, depois de muitos anos trabalhando com idosos, posso dizer que a Arteterapia é a janela de esperança que se abre para um horizonte luminoso.

Mostrando esses aspectos gostaria de chamar a atenção para o importante papel do arteterapeuta nesse contexto. Cuidados e estudos continuados podem garantir a qualidade de nosso trabalho e o reconhecimento da Arteterapia como um novo campo de conhecimento.

Bom trabalho a todos nós.

Bibliografia Sugerida:

CHOPRA, D. **Corpo sem Idade, Mente sem Fronteiras, a alternativa quântica para o envelhecimento**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

FORESTIER, R. **L'Évaluation en Art-Thérapie, pratiques internationals**. France: Elsevier Masson, 2007.

SUDRES, J. **La personne Âgée em Art-Thérapie, de l'expression au lien social**. Paris/France: L'Harmattan, 2004.

Arteterapia na Qualidade de Vida e Profilaxia

Leila Nazareth[9]

O uso da arte como facilitadora de qualidade de vida parece remontar aos tempos mais remotos da existência humana, como afirmam vários autores, por exemplo, Feder (1981) e Ciornai (2004). A arteterapia, nos moldes em que a conhecemos atualmente, tem uma história bastante recente no mundo ocidental. Ela surge logo após a II Guerra Mundial, em um momento de extrema desorganização social e crise nos valores humanos que sustentavam o projeto da modernidade. Esse período se caracterizou por uma perplexidade do vir a público toda a barbárie e horror que foi a experiência nazista. Não pretendo me deter nesta retomada histórica, mas considero importante assinalar que um período trágico pode gerar uma alternativa bastante vigorosa para o trabalho com as questões de saúde mental.

Surge, assim, a arteterapia; uma expressão híbrida para designar um campo de conhecimento também híbrido. A arteterapia congrega o uso de recursos artísticos, particularmente os plásticos ao conhecimento psicológico para fins terapêuticos. De acordo com Houaiss (2001), o vocábulo terapia apresenta dois sentidos:

- tratamento de doentes, terapêutica; e
- toda intervenção que visa tratar de problemas somáticos, psíquicos ou psicossomáticos, suas causas e seus sintomas, com o fim de obter um restabelecimento da saúde ou do bem estar; terapêutica.

Seria, então, o papel da arteterapia proporcionar melhora na qualidade de vida apenas daqueles que apresentam problemas? Se nossa atuação como arteterapeutas restringir-se apenas ao tratamento de dificuldades, distúrbios, problemas, poderíamos ser considerados profissionais da doença e não da saúde.

A arteterapia pode ser compreendida de forma mais ampla, abrangendo situações anteriores ao surgimento de problemas. O trabalho do arteterapeuta pode estender-se para o campo profilático. Aqui, novamente deparamo-nos com um termo médico. Voltando ao Houaiss (2001), encontramos dois sentidos:

- parte da medicina que estabelece medidas preventivas para a preservação da saúde da população;

[9] Professora do Curso de Especialização em Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae, Mestre em Psicologia Social (PUC-SP), doutoranda em Psicologia Social (PUC-SP). Lattes: http://lattes.cnpq.br/1588687104729374

- utilização de procedimentos e recursos para prevenir e evitar doenças, como, por exemplo, medidas de higiene, atividades físicas, cuidados com a alimentação, vacinação.

Uma ressalva precisa ser feita: falar em prevenção em saúde mental não pressupõe uma imposição de um modelo do que seja o saudável ou deva ser feito. A definição de Ciornai (2004) auxilia-nos na compreensão precisa do sentido a que nos referimos:

> Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Esta é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do auto-conhecimento, possibilitando mudanças (Ciornai, 2004, p. 7)

Existem fases no ciclo de vida mais propensas ao aparecimento de conflitos, inseguranças, dificuldades que podem levar a crises e sofrimento psíquico. A fase de alfabetização, a adolescência, a gravidez, o climatério, a aposentadoria são alguns exemplos do que estamos falando. Existem, também, grupos, que, por alguma característica de seu modo de vida, estão mais vulneráveis a o sofrimento psíquico. Como exemplo, podemos citar crianças que abandonaram a escola, profissionais que trabalham em situação de estresse, como motoristas, equipe de enfermagem de um hospital e operadores de telemarketing. O Departamento de Arteterapia vem desenvolvendo, há três anos, no Instituto Sedes Sapientiae um ateliê para 3ª idade, que é um bom exemplo desse trabalho profilático.

Nascida em um período de dor e perplexidade, a arteterapia tem vivido em tempos pouco afeitos à qualidade de vida para nós, humanos. São tempos em que o importante é o acúmulo, a hipérbole, a fragmentação da informação e do sujeito, o imediatismo, a espetacularização do sofrimento humano. Tempos pós-modernos... A arteterapia pode ser um instrumento de transformação. Privilegiando o lúdico, o significar e ressignificar da experiência humana, favorecendo a multiplicidade de olhares sobre um mesmo fenômeno, pode atuar profilaticamente e levar o sujeito à ampliação de sua consciência e ao autoconhecimento, reconduzindo-o à integridade e ao centro de sua existência. Arteterapia: profilaxia; a cura de uma patologia que não é do sujeito e, sim, de uma época.

O Hospital: um Espaço Arteterapêutico

Ana Alice Francisquetti[10]

As necessidades humanas tornam-se muito claras em um hospital. Os espaços hospitalares antes de serem lugares de cura, foram albergues para uma classe social. Segundo Foucault (1981), o hospital como espaço terapêutico é uma prática que se consolidou a partir do século XVIII.

O Dr. Antonio Carlos Fernandes, diretor clinico da AACD, relata sua experiência com a abordagem da arteterapia:

> ‘’vejo com bons olhos a entrada da arte-reabilitação na enfermaria do hospital. Trabalho inédito e que tem ótima receptividade. Nossas crianças deficientes que ficam nas enfermarias possuem atividade limitada, porque foram efetivamente submetidas a procedimentos cirúrgicos. Com o início desse trabalho no hospital as crianças passam a ter uma atividade diferente, nova e lúdica; que permite que elas passem a receber uma iniciação terapêutica expressiva em arte, incluindo atividades manuais a que normalmente não tem acesso. Todo esse processo doloroso e difícil da internação hospitalar é levado de forma suave, humanista, fazendo que a criança, no período de internação, seja mais alegre, mais motivada. Sem sombra de dúvida, um trabalho que vemos com grande esperança.’’

O impacto da doença grave sobre o sistema familiar vem sendo analisado por vários autores. Os pais passam por experiências emocionais difíceis e muitas vezes necessitam de auxilio e apoio dos profissionais da equipe multidisciplinar.

Sobre o atendimento de Arte- reabilitação infantil no leito hospitalar

Ao cuidar da criança enferma é importante levar em conta as alterações no equilíbrio familiar. A doença produz alterações em vários âmbitos como: o emocional, o financeiro, o da rotina da vida diária. O apoio da família é fundamental para o prosseguimento, a aceitação e a cooperação no tratamento.

Os pais de crianças com problemas passam por um período de culpa, fragilidades e dúvidas. Muitas vezes existe a negação da doença, a dificuldade de aceitação da realidade. O sofrimento do filho é sentido pelos pais como um sofrimento próprio. Ocorrem também dificuldades com os outros filhos, como o ciúme. Os irmãos, algumas vezes, manifestam a vontade de ficarem doentes. É também difícil transmitir a noticia da

[10] Artista plástica, Arteterapeuta (AATESP 026/1203), professora e supervisora do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo e Porto Alegre. Desenvolve estudos sobre psicologia da arte e neurologia. É responsável pelo Setor de Arte-Reabilitação da Associação de Assistência à Criança Deficiente em São Paulo, Osasco e Piauí. Diretora adjunta da ABPC, Sociedade Brasileira de Paralisia Cerebral. Membro da APAP – Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo. Gravadora e desenhista, com diversas exposições no Brasil e no exterior. Autora de vários artigos publicados sobre Arte – Reabilitação e organizadora do livro “Arte e Medicina”, publicado em 2005, e do livro “O Corpo Desviante”, no prelo.

doença aos outros familiares. Cabe ao arteterapeuta fazer o possível para atenuar o sofrimento da criança e dos pais utilizando os recursos da arteterapia.

Atendimento no atelier terapêutico – Adultos hospitalizados

Aqui utilizo como referência o pensamento do filósofo Martin Heidegger. No texto, *A Coisa*, Heidegger faz uma reflexão sobre o cuidado, não como ato mecânico e técnico, mais sim como um modo de ser consigo mesmo e com o outro, que expresse desvelo, ajuda, atenção e bom trato. Um modo de ser não na aparência mas na essência. É importante que a arte-terapeuta reflita sobre sua forma de cuidado.

Segundo Heidegger um cântaro não deve ser visto apenas como um objeto que pode conter coisas, mas como algo que pode conter algo e que possui uma história, uma certa matéria prima, uma certa utilidade. Nos apropriando da idéia de Heidegger, podemos considerar que o paciente adulto tem uma história, hábitos de vida, rotinas, sentimentos e comportamentos que devem ser respeitados e compreendidos. É preciso conhecer sua essência, reconhecê-lo como ser individual e perceber suas dificuldades.

No momento vivemos um aumento da demanda da população de idosos no setor de arte-reabilitação. Muitas vezes esses pacientes apresentam desorientação, não aceitação do tratamento e dificuldade de adaptação diante de sua nova realidade. A arte-reabilitadora deve estar atenta ao que está oculto por trás de queixas e das agitações, deve também conhecer a patologia com que está lidando e trabalhar em conjunto com a equipe de enfermagem quando necessário.

A essência da arte-reabilitação é o cuidado com o ser humano e a partir daí oferecer a oportunidade da produção artística, abrindo assim novas possibilidades de expressão e de vida ao paciente.

Agradecimentos: A todos os portadores de necessidades especiais, que através da expressão artística puderam ultrapassar suas deficiências e lidar criativamente com os limites que a vida impõe

Arteterapia e Educação

Dilaina Paula dos Santos[11]

A apresentação deste tema dar-se-á face à atuação da palestrante e das informações sobre a atuação de outros arteterapeutas.

É notório como a arteterapia dentro do contexto educativo oferece muitas possibilidades de trabalho.

As diferentes experiências promovidas pelo "fazer arte", colocam a pessoa em contato com seu próprio potencial, o que auxilia os processos de aprendizagem daqueles envolvidos com a educação.

Atualmente temos encontrado arteterapeutas atuando em vários contextos, selecionamos aqui os que têm se evidenciado mais: os psicopedagógicos, as instituições de menores (abrigos, FEBEM) e a instituição escolar.

Dentro do contexto psicopedagógicos a arteterapia favorece novas experimentações, possibilitando assim a ação-reflexão e descobertas. O sujeito se percebe autor de seu processo de aprendizagem.

O trabalho em instituições de menores tem buscado novas relações entre as pessoas da instituição. A descoberta de novas formas de ser e estar no mundo auxilia na reconstrução das histórias de vida.

O arteterapeuta na instituição escolar tem desenvolvido trabalhos com os alunos e com os professores.

A atuação junto aos alunos visa à expressão individual e grupal promovendo desta forma o convívio social. Já com os professores tem sido desenvolvidas propostas que buscam o despir-se de conceitos antigos para abraçar o novo. O trabalho também tem ajudado a esses educadores lidarem melhor com o estresse.

Observamos como os resultados da arteterapia no processo educativo tem sido positivos. As pessoas que tem a oportunidade de vivenciar as propostas realizam algo com significado, envolve-se no fazer, no desafio do NOVO, da relação VIVA com o aprender.

[11] Arteterapeuta (AATESP 011/1203), Psicopedagoga Clínica, Mestre em Artes – UNESP. Coordenadora e docente dos Cursos de Pós Graduação em Arteterapia e Psicopedagogia da Faculdade Mozarteum de São Paulo. Autora do livro: Psicopedagogia dos Fantoches. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0046752029255450

Artepsicoterapia

Maria de Betânia Paes Norgren[12]

O objetivo desta palestra é refletir acerca da psicoterapia e do uso de recursos de arte nesse contexto (artepsicoterapia); além disso, busca enfocar os caminhos que possibilita e os proveitos que pode implementar.

Dentre os objetivos da terapia, destacam-se: “acolher o cliente com tudo o que ele traz de tenebroso ou sublime, deixando-o depositar no chão sua bagagem, que se tornou pesada de tanto ser carregada nas costas” (Juliano, 1999). (compartilhar a carga); o crescimento e a autonomia do indivíduo com o aumento da consciência, o que abrange o conhecimento do ambiente, a responsabilidade pelas escolhas pessoais, auto-conhecimento, auto-aceitação e a capacidade de contato, que possibilitam mudanças naturais e espontâneas (Yontef, 1998); ajudar o cliente a achar o seu caminho, a sua resposta; recuperar ou adquirir o equilíbrio (que, no início, se expressa no alívio dos sintomas), através da auto-observação, do auto-conhecimento e da compreensão das suas dificuldades em termos de motivações e conflitos.

Contudo, é importante que o artepsicoterapeuta seja capaz de pensar clinicamente sobre seu cliente, que seja capaz de traçar possíveis rumos, que suas propostas para as intervenções propostas tenham um sentido. (Limite tênue entre "guiar" e "deixar ser guiado")

O cliente aprende

Nesse processo, o cliente aprende a: usar sentidos internos e externos de modo a tornar-se auto-sustentado; tornar-se ciente de sua postura na vida; dono de seu destino, (ser único); escolher e/ou organizar a própria experiência de modo significativo.

Para isso é necessário estabelecer um diálogo, encarar o cliente como “outro” e não como “objeto”, adentrar na sua subjetividade e ajudá-lo (relação dialógica); incluir-se no mundo do outro, presença e compromisso com o diálogo; estar junto, colocando todo o conhecimento e bagagem pessoal adquirida ao longo dos anos de estudo e vivência a serviço do outro. Deve-se tentar ficar o mais solta, consciente e alerta possível para ver e aceitar sua mensagem real. É tentar responder ao pedido que está sendo feito, tentando encontrar novas alternativas.

[12] Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 005/1203), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6262194993540282

A transformação do outro (cliente, família) só se torna possível se ele sentir-se acolhido, valorizado, amado. É a partir daí que o caminho se inicia: a partir do momento em que ele não se sente julgado, mas aceito com suas limitações, dificuldades e vontade de crescer.

O atendimento em artepsicoterapia

O que nos torna humanos é capacidade de simbolizar (Cassirer, 1959). É importante ajudar a desvendar os símbolos = entrar em contato com o que tem de mais humano; fazê-lo re-conectar-se com o lado criativo da vida; e possibilitar melhor integração com o meio.

Essa relação mais franca consigo próprio e com os outros, amplia o auto-conhecimento e o conhecimento dos outros, abrindo novas possibilidades de relacionamento, de *ajustamentos criativos*, propiciando viver mais saudável.

Arte psicoterapia possibilita que o cliente entre em contato, busque conhecer a si mesmo, suas características, seu jeito, seus símbolos, bem como suas necessidades, desejos, medos, dificuldades, entraves e possibilidades. Vai se apossando dos aspectos positivos e negativos da sua vida, aprendendo a fazer escolhas e a se colocar no lugar dos outros. Isso possibilita que tome consciência de sua própria forma e da forma dos que estão ao seu redor.

Nesse ato de conhecer (ao objeto realizado, a si própria, aos outros, ao mundo...) ela se aperfeiçoa.

As intervenções acontecem de acordo com contexto e necessidades do cliente, levando em consideração a fase de desenvolvimento (emocional, cognitivo, psicomotor, gráfico) na qual o cliente se encontra. Deve-se reconhecer sua problemática e sua existência no mundo e buscar através do criado compartilhar sentimentos, expectativas, medos. Inicio com o que é mais fácil e confortável, dou-lhe tempo para confiar na nossa relação e ter coragem de se abrir e falar de si e de seus problemas. Não forço a fazer algo que não queira.

Arte possibilita relaxar as defesas, errar, experimentar, sentir, brincar, deixar transparecer o lado criança da nossa personalidade - a nossa essência. Faz-se brincando o que é preciso aprender a fazer na vida - ter a coragem necessária para ser e vir a ser (May, 1975), reconectar o lado prazeroso, divertido e aprender com o que na prática, muitas vezes não dá certo (erros).

Nesse processo há a possibilidade de expressar sentimentos: falar s/ eles, projetá-los nos trabalhos, tomar posse deles e aprender novos padrões para lidar com

eles. Além disso, possibilita também a autonomia: pois, ao encontrar o que deseja fazer, privilegia-se a escolha, a ação independente; o refletir sobre o que foi feito e assumir responsabilidade pelos seus atos.

Pode-se aprender a se separar das avaliações externas negativas e auto-conceitos errôneos, aprende-se a reconhecer-se, aceitar-se, exercer auto-controle, aprender a fazer escolhas, verbalizar seus desejos, necessidades e pensamentos e, também, a lidar com sua agressividade e sentimentos de forma mais nutritiva. Isso acontece porque as imagens são isomórficas com padrões de comportamento (Rhyne, 2000). Ao integrar a emoção e a razão, começamos a realizar nosso potencial único (Rhyne,1973).

Bibliografia Sugerida:

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**. Uma Psicologia da Visão Criadora. Trad. Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Nova Versão, Livraria Pioneira Editora, 5ª Edição, 1989.

CASSIRER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. Trad. Anna Bostock. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 6ª edição, 1977.

CIORNAI, Selma. Arte Terapia: o resgate da criatividade na vida. In: Mª Margarida de Carvalho (coord) **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

_____. (org.) **Percursos em arteterapia**. Volumes 1. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

HYCNER, Richard. Dialogical Gestalt Therapy. **Gestalt Journal**. nº 8, vol.I, primavera de 1985. Trad. para fins didáticos: Fátima Barroso.

KAGIN, Sandra, LUSEBRINK, Vija. The expressive Therapies Continuum. **Art Psychotherapy,** vol. 5, p. 171 - 180. New York: Pergamon Press, 1978.

KRAMER, Edit. **Art as Therapy with Children**. New York: Schocken Books, 1977.

_____ Art Therapy and Play. **American Journal of Art Therapy**. Vol.17, outubro de 1977.

MAY, Rollo. **A Coragem de Criar**. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

NORGREN, M. Betânia P. Artepsicoterapia com crianças e adolescentes. In Selma CIORNAI (org.) **Percursos em arteterapia**. Volumes 1. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

OAKLANDER, Violet. **Descobrindo Crianças:** a abordagem Gestáltica com crianças e adolescentes. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

_____ Gestalt Therapy with Children: Working with Anger and Introjects. In: Edwin C.NEVY. **Gestalt Therapy** - perspectives and applications. Cleveland: GIC Press, 1992.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Petrópolis: Editora Vozes, 7ª Edição, 1989.

RHYNE, Jane. **Gestalt Art Experience:** patterns that connect. Chicago: Magnolia Street Publishers, 1996.

RUBIN, Judith Aron. **Child Art Therapy**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1978.

ULMAN, Elinor (org). **Art therapy:** in theory and practice. New York: Schocken Books, 1977.

YONTEF, Gary M. **Processo, Diálogo e Awareness**: Ensaios em Gestalt Terapia. Trad. Tereza Yamashita. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

Arteterapia e Saúde Física

Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa [13]

Segundo a AATA (American Art Therapie Association), a arteterapia está baseada na crença de que o processo criativo envolvido no fazer arte é curativo aumentando a qualidade de vida. Criar arte e comunicá-la é um processo que quando realizado junto com um arteterapeuta, permite a qualquer pessoa uma ampliação de sua consciência. E, assim ela enfrenta seus sintomas, seu estresse e suas experiências traumáticas com habilidades cognitivas reforçadas, para então, desfrutar os prazeres da vida que se confirmam, artisticamente, criativos.

O meu objetivo arteterapêutico na saúde física é explorar o potencial criativo, os recursos, tendo com meta a qualidade de vida. O produto final é a saúde, onde a doença é um processo afetado pelo estado de consciência. Aceitar o processo e saber lidar com ele é tirar um proveito da experiência optando pela saúde como um todo.

Objetivos específicos: Doença como processo e caminho
Saúde como meta e atitude
Saúde holística: mente, corpo e espírito
Busca de causas dos sintomas
Percepção e reconhecimento de atitudes, crenças e valores
Reconhecer que o curador dentro de nós é sábio

O foco do meu trabalho é na Psico-oncologia, que é um ramo da medicina que se ocupa da assistência ao paciente com câncer. A Psico-oncologia é uma interface entre a psicologia e a oncologia e faz uso de diversas técnicas para ajudar o paciente com câncer a lidar com a doença, fazendo uso dos recursos, do potencial, assim como, na elaboração de metas e projetos de vida.

Assim como no câncer, outras doenças físicas também podem fazer uso das mesmas técnicas.

Desta forma, a arteterapia entra como uma excelente ferramenta para desenvolver o potencial criativo, estimular o espírito de luta e fortalecer a auto-imagem.

Esse trabalho com pacientes com câncer, foi realizado no Cora (Centro Oncológico de Recuperação e Apoio) em São Paulo que dá assistência psicológica há mais de 20 anos ao paciente oncológico. Em 2003 foi criado o ateliê terapêutico.

[13] Licenciada em Educação Artística, Arteterapeuta (AATESP 022/1203), Especialista em Psico-oncologia, em Gerontologia pelo Sedes Sapientiae, Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente dos cursos de Especialização junto à FAMOSP e NAPE. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9074548430099693

Os encontros no ateliê arteterapêutico sempre começam com uma harmonização em círculo, respiração e agradecimento. A atividade artística normalmente acontece em cima de um tema escolhido pelo grupo. O trabalho corporal, a música, a escrita e a verbalização estão presentes como sensibilização ou avaliação da atividade.

Os temas desenvolvidos desde 2003 foram: **O Caminho Quádruplo,** com o objetivo de resgatar os quatro arquétipos: o guerreiro, o curador, o visionário e o mestre; **Mandalas com diversos materiais**, com objetivo de reencontrar um sentido e uma ordem; **Pintura em tela com cola e areia colorida**, com objetivo de trabalhar o chão, a sustentação, tirando os excessos; **Mosaicos**, com objetivo de elaborar o luto juntando os pedaços; **A Colcha de Retalhos**, com o objetivo de expressar o amor por si e a **Pintura a óleo** que ainda está em processo, com o objetivo de trabalhar o tempo interno, aprofundar, ampliar e internalizar os recursos.

O ateliê arteterapêutico conta com um grupo de oito pessoas que trabalha uma vez por semana, uma hora e meia. As pessoas que freqüentam o ateliê desde 2003 criaram um vínculo muito forte. Hoje trabalhamos muito com essa energia de grupo, de sustentação e apoio. O ateliê passou a ser um espaço sagrado, de encontro de alma, de encontro consigo mesma.

Arteterapia no Contexto da Saúde Mental

Sue Steinberg[14]

Arteterapia no contexto da saúde mental, em São Paulo, se mescla com a história da Arteterapia no Estado desde as pesquisas do Dr. Osório Cesar, iniciadas em 1923 com a análise sistemática dos desenhos e pinturas de pacientes internos no Hospital Franco da Rocha (Juqueri).

Dr. Osório Cesar, medico psiquiatra, musico e crítico de arte, estrutura nos anos 40, a "Escola Livre de Artes Plásticas", com base na expressão individual de pessoas com transtornos mentais. Apesar de evitar interferências, tanto de ordem técnica como das representações, acreditava que, para existir um processo real de expressão, não necessariamente de criação artística, era preciso também o domínio da forma e conhecimento dos materiais, técnicas e possibilidades, para poder acontecer o ato criador.

A partir daí, alguns movimentos pontuais foram acontecendo, seguindo essa tendência e a busca de inserção das pessoas em sofrimento mental, termo este, criado por Osório Cesar e da retirada do estigma que paira sobre esse indivíduo com transtornos mentais.

Na década de 60, Maria Margarida de Carvalho e Radha Abramo realizam trabalhos com prisioneiros políticos e pacientes hospitalizados no Hospital do Servidor Público.

A psicóloga e arteterapeuta, Sonia Bufarah Tommasi, realizou curta porém, importante pesquisa também com internos no Juqueri que resultou no abrangente livro: "Arte terapia e Loucura", editado em 2005.

Muitos, sem sombra de dúvida trabalharam e trabalham em Arteterapia, auxiliando no tratamento de pacientes em transtorno mental até hoje, porém só com a organização da atividade em campo, através de uma associação profissional, poderemos tornar efetivo o trabalho como arteterapeuta no contexto da saúde mental.

Podemos, atualmente, citar entre outros tantos na área, o realizado no Instituto Cáritas em São Paulo sob responsabilidade e coordenação da Dra. Carmen Santana, médica psiquiatra, que brilhantemente dirige o centro de atendimento a refugiados.

Karen Ferri Bernardino, em clínica médica na cidade de Campinas, onde atende adolescentes e adultos em sofrimento mental, nos mais variados graus.

[14] Artista Plástica, Arteterapeuta (AATESP 035/0504), instrutora de Yoga.

O trabalho desenvolvido por Romário Freitas de Oliveira no CAISM (Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental), auxiliando a caminhada de pessoas internadas pelo SUS. Digo auxiliando a caminhada, pois é isso que fazemos, em origem: a arteterapia acompanha o trilhar das pessoas, enquanto pacientes, nos hospitais, clínicas psiquiátricas, CAPS e outros centros de ajuda.

Sou arteterapeuta no Hospital Psiquiátrico João Evangelista, em São Paulo, onde atendo pacientes encaminhados pelo SUS, particulares e conveniados, internos na Instituição.

Sinto que arteterapia com pessoas em sofrimento mental, envolve em primeiro lugar uma empatia, um encontro, sendo que muitas vezes esse encontro é verdadeiramente dialógico, entre paciente e terapeuta.

Para que isso aconteça, é necessário ver o indivíduo não somente em escorço e sim sob todas as faces e ângulos e observar nessa totalidade suas necessidades e carências.

Procura-se ampliar o repertório de seus conhecimentos de forma que possam expandir seu mundo de imagens, ampliando assim sua própria vida.

Me admiro ainda, quando ao aplicar princípios básicos, percebo a amplitude dessa aplicação.

Muitos desses indivíduos, internos no hospital vêm de condições econômicas tão precárias, que se torna difícil distinguir o empobrecimento mental causado pela moléstia, daquele ocasionado pela própria vida. Muitas vezes penso estar lidando com a raspa do cadinho da humanidade, pelo depauperamento total do intelecto, falta de cognição primária e perda do afeto.

Existe uma frase de Nietzsche em “Assim falou Zaratustra” que diz muito desses encontros entre arteterapeuta e paciente:

“Com espelho de mil faces contemplei teu olhar quando tua boca ainda estava fechada - para que teu olhar me falasse. E teu olho me falou”.

A percepção do outro, de seu olhar e vibração é o mais importante no contato com pacientes em sofrimento mental, para poder encontrá-lo, mesmo que seja no delírio ou no caos.

Não uso borracha, em nossos encontros e tento explicar que na vida não apagamos os fatos e nos desenhos, assim como na vida, podemos reconstruir sem que experiências ou linhas sejam apagadas.

Pode causar espanto para algumas pessoas, porém acabam concordando e experimentando, desenhar sobre a linha anterior. Isso é importante, principalmente nos caso de Transtorno Afetivo Bipolar, quando em geral, independentemente da mania ou depressão, as pessoas mostram necessidade de desenhar, pintar ou construir o mais próximo possível da perfeição que imaginam. Sentem-se extremamente angustiados quando não conseguem, é necessário, então, oferecer um material que os instigue e tenha bons resultados plásticos.

Procuro adequar o material às necessidades do paciente, logo depois que escolha o suporte, ou seja, o tamanho do papel.

Resumindo, o arteterapeuta cria uma linguagem nova para cada paciente.

Tendo formação em Yoga, procuro aliar esse conhecimento à Arteterapia, promovendo sessões de Yoga com todos os internos, como fonte de equilíbrio, procurando a integração dos corpos físico/ mental e espiritual.

Com pacientes psiquiátricos a introdução ao Yoga, ajuda na estabilização emocional e facilita a expressão corporal, liberando os movimentos enrijecidos pela doença e/ou medicamentos. Com drogadictos, aquieta a fase transicional no período em que estão hospitalizados.

Os pranayamas (respirações compassadas ou domínio da respiração), asanas (posturas) e mudrãs (gestos) são adaptados ao público presente para facilitar a compreensão e a prática.

Bem, à capacidade criadora de transmitir sensações, emoções e sentimentos, chamamos de arte. Chamemos, portanto, de arte o que veremos a seguir:

(PROJEÇÃO DE IMAGENS)

Conclusão: Arteterapia é uma ferramenta na busca de novas perspectivas no tratamento de pessoas em transtorno mental.

Produção Acadêmica em Arteterapia no Brasil[15]

Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves[16]

Resumo: Este é um artigo de levantamento bibliográfico que tem por intenção sistematizar algumas informações a fim de contribuir ao estudo e pesquisa em Arteterapia no Brasil. A bibliografia abaixo elencada se relaciona a minha aproximação ao campo e não tem a pretensão de esgotar as referências passíveis de consulta, mas de constituir um primeiro referencial de aproximação possível à abordagem a partir de alguns critérios que se constituem como o viés deste levantamento: Foram selecionadas publicações correlatas ao campo da Arteterapia de 1968 a Agosto de 2007, apenas obras em Português, ou já traduzidas ao português e apenas obras publicadas por editoras.
Palavras Chave: Arteterapia, Bibliografia.

Este é um artigo de levantamento bibliográfico que tem por intenção sistematizar algumas informações a fim de contribuir ao estudo e pesquisa em Arteterapia no Brasil.

A bibliografia abaixo elencada se relaciona a minha aproximação ao campo e não tem a pretensão de esgotar as referências passíveis de consulta, mas de constituir um primeiro referencial de aproximação possível à abordagem. Para este levantamento foram utilizados alguns critérios de seleção das obras, o que constitui o viez deste levantamento, tendo sido estes os seguintes:

1. Foram selecionadas publicações correlatas ao campo da Arteterapia de 1968 a Agosto de 2007;

2. Foram selecionadas penas obras em Português, ou já traduzidas ao português;

3. Foram selecionadas apenas obras publicadas por editoras.

Faz-se aqui necessário ressaltar que temos no Brasil um riquíssimo material em forma de Monografias que está sendo constituído junto a diversos Cursos de Especialização. Um estudo, levantamento e sistematização de forma unificada deste material seria de imenso valor ao campo da Arteterapia.

---

[15] Levantamento realizado em Outubro de 2007 por Tatiana Fecchio Gonçalves, membro AATESP 058/1105 pela Comissão de Revista e Publicações, limitando-se a volumes publicados (excluídas teses e monografias) em Editoras bem como excluídos neste levantamento os volumes não traduzidos ao português. Artigo publicado na Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida, na edição Ano 4 Volume 6 número 6 Janeiro-Junho 2008 disponível em http://www.brasilcentralArteterapia.org, com o título "BIBLIOGRAFIA EM ARTETERAPIA E DE INTERESSE AO CAMPO".

[16] Doutoranda em Artes na Universidade Estadual de Campinas/ Unicamp, estágio sanduíche em Londres Wellcome Trust Centre for the History of Medicine/ UCL, Mestre em Artes/ Unicamp (2004), bacharel e licenciada em Educação Artística/ Unicamp (2001). Especialista em Arteterapia/ Unicamp (2003) e especialista em Artes e Novas Tecnologias na Universidade de Brasília/ UnB (2005). Membro dos grupos de Pesquisa: Transferência Cultural entre Europa e América Latina (IA/ Unicamp) e Desenvolvimento, Linguagem e Práticas Educativas (FCM/ Unicamp). Lattes: http://lattes.cnpq.br/4364335240213211 e-mail: tati.fecchio@gmail.com

É visível o enorme incremento Arteterapia a partir de 1995, tendo o número de publicações mais do que dobrado entre a segunda metade da década de 90 e a primeira metade da primeira década do século XX. Apresento abaixo listagem de títulos, aqui não mais por ordem cronológica, mas por ordem alfabética por sobrenome de autor, adotando a seguinte legenda cromática.

em:

LARANJA os títulos que contém o nome Arteterapia

VERDE os relacionados imediatamente ao campo da arteterapia

NEGRO os correlatos (parcial)

De antemão pontuo que este levantamento, embora tenha sido realizado intencionando contemplar o conjunto das publicações é inevitavelmente decorrente e reflexo de uma historia e aproximação pessoal a este campo e que neste sentido outras pessoas podem e devem acrescentar ao levantamento hora publicado (principalmente no item de publicações correlatas, o mais em aberto, em processo, e talvez o mais subjetivo); que no estabelecimento dos critérios ou categorizações e na adequação dos volumes em uma categoria ou outra, sempre temos ganhos e perdas. Me desculpo, por fim, pelas faltas que possam estar presentes; desejando que no compito final esta publicação possa ser de auxílio e utilidade ao fortalecimento das pesquisa em Arteterapia no Brasil.

ALLESSANDRINI, C. D. (org.). (1999) **Tramas criadoras na construção de "ser si mesmo"**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ALLESSANDRINI, C. D. (2004) **Análise microgenética da oficina criativa:** projeto de modelagem em argila. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ALLESSANDRINI, C. D. (1996) **Oficina criativa e psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ALBANO, Ana Angélica. (1998) **Tuneu, Tarsila e outros...** O aprendizado da arte como um rito da iniciação. Editora Plexus: São Paulo.

AMMANN, Ruth. (1934) **A Terapia do Jogo de Areia: Imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade**. Editora Paulus: São Paulo.

ANDRADE, L. Q. (2000) **Terapias Expressivas: Arte Terapia, Arte Educação e Terapia Artística** São Paulo: Editora Vetor.

ANTUNES, Eleonora Haad; Lúcia Helena Siqueira Barbosa; Lygia Maria de Fança Pereira (org.) (2002). **Psiquiatria loucura e arte: fragmentos da história brasileira**. São Paulo: EDUSP.

ARCURI, I. G. (org.) (2004) **Arteterapia de corpo & alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ARCURI, I. G. (2004) **Memória corporal**: o simbolismo do corpo na trajetória da vida. São Paulo: Editora Vetor.

ARCURI, I. G. (org). (2006) **Arteterapia: um novo campo do Conhecimento** São Paulo: Editora Vetor.

ARNHEIM, Rudolf (1989). **Intuição e intelecto na arte**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes Editora.

BEE, H. (2003) **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas.

BELLO, S. (2004) **Pintando sua alma**. Método de desenvolvimento da personalidade criativa. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK Editora.

BENETTON, Jô (1999). **Trilhas associativas: ampliando recursos na prática da terapia ocupacional**. 2ª.ed. São Paulo: CETO.

BLAUTH, Lurdi e Raquel Maria Rossi Wosiack (org). (2005) **Terapias Expressivas ou Arteterapia: Vivências através da Arte.** Centro Universitário Feevale, Rio Grande do Sul.

BROWN, D. (2000) **Fundamentos de Arteterapia**. São Paulo: Vitória Régia.

BUBER, Martim (1982) **Do diálogo e do dialógico.** Ed.Perspectiva.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. (1974) São Paulo: Editora Moraes.

BURROWES, Patrícia (1999). **O universo segundo Arthur Bispo do Rosário**. São Paulo: Editora FGV.

CAMARGO, Luís (org.). (1989) **Arte-educação da pré-escola à universidade.** São Paulo: Nobel.

CARVALHO, Keila M. M. de; Gasparetto, M. E.; Venturini, N. e Kara José, N. (1994). **Visão subnormal: orientações ao professor do ensino regular**. Campinas: Editora da UNICAMP.

CARVALHO, M. M. M. J. (org.). (2004) **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. São Paulo: Livro Pleno.

CESAR, Osório (1929). **A expressão artística nos alienados**. Contribuição para o estudo dos Symbolos na Arte). São Paulo.

CHIESA, R. F. (2004) **O diálogo com o barro**: o encontro com o criativo. São Paulo: Casa do Psicólogo.

CHRISTO, Edna Chagas e Graça Maria da Silva. (2005) **Criatividade em Arteterapia.** Rio de Janeiro: WAK Editora.

CIORNAI, S. (org.). (2005) **Percursos em Arteterapia:** arteterapia e educação, arteterapia e saúde. São Paulo: Summus, Vol. **64**.

CIORNAI, S. (org.). (2004) **Percursos em Arteterapia:** arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, Vol. **62.**

CIORNAI, S. (org.). (2004) **Percursos em Arteterapia:** ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus,Vol. **63**.

CIORNAI, Selma. (1999) **Da contracultura à Menopausa: Vivências e Mitos da Passagem.** Editora Oficina de Texto.

CLARK, Juliano Jean. (1999) **A Arte de Restaurar Histórias.** São Paulo: Summus Editorial.

CLARK, Juliano Jean. (1992) **Gestalt-Terapia: Revisitando nossas estórias,** in Revista de Gestalt, Instituto Sedes Sapientiae, nº 2, ano 2.

COUTINHO, Vanessa. (2005) **Arteterapia com crianças.** Rio de Janeiro: WAK Editora.

FABIETTI, D. M. C. F. (2004) **Arteterapia e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo (1998). **Arte e loucura. Limites do Imprevisível** São Paulo: Editora Lemos.

FORTUNA, Sonia M. Castelo Branco (2000). **Terapias expressivas: demência de Alzheimer e qualidade de vida: uma compreensão junguiana**. Campinas: Alínea.

FOUCAULT, Michel. (1978). **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva.

FRANCISQUETTI, A. A. (Coord.). (2005) **Arte Medicina**. São Paulo: Médica Paulista.

FRAYZE-PEREIRA, João A.(1995) **Olho d'água: arte e loucura em exposição**. São Paulo: Escuta/FAPESP.

FREUD, Sigmund (1991). **Psicanalisis del arte**. Madrid: Alianza.

FULLER, Peter (1983). **Arte e psicanálise**. Lisboa: Don Quixote.

GALLIMARD. (1972) **História da Loucura- Editora Perspectiva, 1999** (Histoire de la folie à l'Âge Classique- Éditions.

GARDNER, Howard (1997). **As artes e o desenvolvimento humano: um estudo psicológico artístico**. Trad. Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.

GOLINELI, R.; SANTOS, W. A. (2002) **Arteterapia na educação especial**. Goiânia: Golineli & Santos.

GOMBRICH, E. H (1995). **Arte e ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica** Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Editora Martins Fontes.

HAMMER, E. F. (1991) **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.** São Paulo: Casa do Psicólogo.

HAUSCHKA, M. (2003) **Contribuições para uma atuação terapêutica**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica. (Coleção Terapia Artística).

HAUSCHKA, M. (2003) **Natureza e tarefa da pintura terapêutica**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica. (Coleção Terapia Artística).

HAUSCHKA, Margarethe (1987). **Terapia artística: contribuições para uma atuação terapêutica.** Tradução de Ursula Szajewski. São Paulo: Antroposófica.

HIDALGO, Luciana (1996). **Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco.

HOPKINS, J. e SAVILLE, Anthony (1995). **Psicanálise, mente e arte – na perspectiva de Richard Wollheim**. Campinas: Papirus.

HYCNER R. ,Jacob L, (1997) **Relação e Cura em Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus Editorial.

HYCNER, R. (1995) **De pessoa a pessoa.** São Paulo: Summus Editorial.

JACOBI, Jolande. (1990) **Complexo, Arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung** São Paulo: Editora Cultrix.

JANNUZZI, Gilberta (1985). **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Cortez e Autores Associados.

JANNUZZI, Gilberta (2004). **A história da educação do deficiente no Brasil**. Campinas: Autores Associados.

JUNG, Carl Gustv. (1987). **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

KIYAN, Ana Maria Mezzarana e Ricardo Bonante (orgs). (2006) **Arte como Espelho: Experimentos em Arteterapia Gestáltica.** São Paulo: Altana.

KRAMER, Edith (1982). **Terapia através del arte en una comunidad infantil**. Trad. Angélica Gabriele de Miari. Argentina: Libro de Edición Argentina.

LELOUP, J. Y. (1998) **O corpo e seus símbolos.** Petrópolis: Ed. Vozes.

LIEBMANN, Marian. (2000) **Exercícios de Arte para Grupos**. São Paulo: Editora Summus.

LOWENFELD, V. e BRITTAIN, W. L. (1970) **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou.

OAKLANDER, Violet. (1980) **Descobrindo Crianças: abordagem Gestáltica com crianças e adolescentes.** São Paulo: Editora Summus.

OLIVIER, Lou de. (2007) **Psicopedagogia e Arteterapia: Teoria e prática na aplicação em clínicas e escolas**. Rio de Janeiro: WAK editora.

ORMEZZANO, G. (2004) **Questões de Arteterapia**. Passo Fundo: UPF.

OSTROWER, F. (1984) **Criatividade e processos de Criação**. Petrópolis: Vozes.

PAIN, S.; JARREAU, G. I. (2001) **Teoria e técnica da arte-terapia.** A compreensão do sujeito. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas.

PELBART, Peter Pál (1989) **Da Clausura do fora ao fora da clausura. Loucura e desrazão**. São Paulo: Editora Brasiliense.

PEREIRA, Regina de castro Chagas. (1976) **A Espiral do Símbolo: A Arte como Terapia, Coleção Psicanálise**. Petrópolis: Editora Vozes.

PESSOTTI, Isaías (1984). **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: EDUSP e Queiroz.

PHILIPPINI, A (org.). (2007) **Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos.** Rio de Janeiro: WAK editora.

PHILIPPINI, A (org.). (2005) **Reencantamentos para liberar Histórias**. Rio de Janeiro: WAK Editora.

PHILIPPINI, A. (2004) **Cartografias da Coragem: Para entender Arteterapia**. Rio de Janeiro: WAK Editora.

PHILIPPINI, A. (2004) **Como entender arteterapia:** cartografias da coragem. 3. ed. Rio de Janeiro: WAK Editora.

REILY, Lucia. (2001). **Armazém de imagens: ensaio sobre a produção artística da pessoa com deficiência**. Campinas: Papirus.

REILY, Lucia. (2004). **Escola inclusiva: linguagem e mediação**. Campinas: Papirus.

REISIN, Alejandro. (2005) **Arteterapia: Semânticas e Morfologias**. Buenos Aires: Centro Cultural del Borba.

RHYNE, Janie. (2000) **Arte e Gestalt: Padrões que convergem**. São Paulo: Summus.

RILEY, S. (1998) **Arteterapia para famílias**: abordagens integrativas. São Paulo: Summus.

SANTOS, Dilaina Paula dos. (2006) **Psicopedagogia dos Fantoches: Jogo de Imaginar**, construir e Narrar. São Paulo: Vetor.

SILVA, Luciana Pellegrini Baptista (org) Eveline Carrano (supervisão). (2006) **Bruxas e Fadas, Sapos e Príncipes: Os contos de fadas em experiências arteterapêuticas**. Rio de Janeiro: WAK Editora.

SILVEIRA Nise da (1981) **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra.

SOUZA, Otilia Rosângela. (2005) **Longevidade com Criatividade: Arteterapia com Idosos.** Editora Armazém de Idéias, Minas Gerais.

TOMMASI, S. M. B. (2005) **Arte-terapia e loucura:** uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos. São Paulo: Vetor.

URRUTIGARAY, M. C. (2003) **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: WAK.

VALLADARES, A. C. A. (org.) (2004) **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor.

VASCONSELLOS, Érika Antunes e Joel Sales Giglio. (2006) **Arte na Psicoterapia: imagens simbólicas em psico-oncologia**. São Paulo: Vetor.

WHITMONT, Edward (1990) **A busca do Símbolo:** conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Cultrix.

WINNICOTT, D. W. (1983) **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas.

WONG, W (1998) **Princípios de forma e desenho**. São Paulo: Martins Fontes.

ZIMERMAN, D. E. (2000) **Fundamentos básicos das Grupoterapias**. 2ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

REVISTAS DE ARTETERAPIA

1) Revista de Arteterapia: **Imagens da transformação**. Rio de Janeiro, Clínica Pomar. Volumes de 1 a 11 (1994-2004), acessível www.arteterapia.org.br ou pomar@alternex.com.br

2) Revista **Arte-Terapia: Reflexões**. São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae. Volumes de 1 a 5 (1995-2004), acessível: www.sedes.org.br ou secretaria@sedes.org.br

3) **Arteterapia em Revista.** Porto Alegre, Centrarte. Volume 1 (2005), acessível: www.centrarte.hpg.com.br ou centrarte.rs@terra.com.br

4) Revista Eletrônica **Cores da Vida** http://www.brasilcentralarteterapia.org/

O Ano de 2007 na Arteterapia

Selma Ciornai[17]

AATESP 2007

- COMISSÃO DE EVENTOS

  Evento realizado: 21/ 06/2007. Apresentação da nova diretoria e palestra conjunta *"A Arteterapia no Brasil e no Mundo". Palestrantes: Cristina Allessandrini, Selma Ciornai e Karen Ferri* - Local: FAMOSP
- COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO E DE DIVULGAÇÃO:

  Boletins aos associados. Elaboração e envio de informe aos coordenadores de cursos de Especialização e Extensão de Arteterapia no Estado de SP sobre os critérios curriculares e de qualificação de docentes e coordenadores de cursos da UBAAT.
- COMISSÃO DE CREDENCIAMENTO E CONSIDERAÇÃO DE CASOS ESPECIAIS

  Organização dos documentos existentes e solicitação dos documentos faltantes (Para credenciamento). Organização do processo para consideração de casos especiais.
- COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES
- SITE
- REPRESENTAÇÃO NO CONSELHO DIRETOR DA UBAAT

UBAAT

Fundação oficial da UBAAT: 22 de Abril de 2006

Associações Filiadas:

- Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro - AARJ
- Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo - AATESP
- Associação Brasil Central de Arteterapia - ABCA
- Associação Mineira de Arteterapia - AMART
- Associação de Arteterapia do Espírito Santo - AARTES
- Associação Pernambucana de Arteterapia – ARTE-PE
- Associação Sulbrasileira de Arteterapia - ASBAT
- Associação de Arteterapia de Rio Grande do Sul - AATERGS

[17] Fundadora e co-coordenadora dos cursos de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae e do Instituto da Família de Porto Alegre. Doutora em Psicologia Clínica, Arteterapeuta credenciada pela AATA. Membro honorário da UBAAT. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2477118830467350

- Associação de Arteterapia da Bahia – ASBART
- Associação Potiguar de Arteterapia – ASPOART

UBAAT 2007

- Registro oficial da UBAAT
- Criação do site oficial da UBAAT
- Elaboração da versão final do "Código de Ética"
- Escolha da sigla para arteterapeutas: ARTT
- Estabelecimento de critérios curriculares e de qualificação de docentes e coordenadores de cursos de Arteterapia
- Estabelecimento de critérios de avaliação de casos especiais
- Carta da UBAAT para coordenadores de cursos de Arteterapia, mídia e interessados

Movimento Latino Americano

Aconteceu em 2007, em Buenos Aires:

- II Congresso Mercosur, I Congresso Latino Americano de Arte Terapia. Participantes: majoritariamente Argentina, Brasil e Chile com alguns trabalhos do Uruguay e México

Perspectivas e encaminhamentos futuros resultantes deste congresso:

- Criação de publicações conjuntas
- Geração de redes de informações
- Incentivo a intercâmbios

Vamos assim, juntos construindo o futuro da Arteterapia!